

Edson Rodrigues Duffles Teixeira
Maria do Socorro Marçal Duffles Teixeira

DIÁRIO DE UM CAMINHO



Um relato da peregrinação do casal Edson e Socorro
a Santiago de Compostela

DIÁRIO DE UM CAMINHO

ÍNDICE

PREFÁCIO	04
Capítulo 1 Uma breve informação sobre a origem do Caminho de Santiago de Compostela	06
Capítulo 2 A preparação	09
Capítulo 3 Ponto de partida: Saint Jean Pied de Port - França	13
Capítulo 4 De Saint Jean Pied de Port a Roncesvalles	15
Capítulo 5 De Roncesvalles a Zubiri	18
Capítulo 6 De Zubiri a Pamplona	21
Capítulo 7 De Pamplona a Puente de la Reina	24
Capítulo 8 De Puente de la Reina a Estella	27
Capítulo 9 De Estella a Los Arcos	30
Capítulo 10 De Los Arcos a Logroño	33
Capítulo 11 De Logroño a Nájera	37
Capítulo 12 De Nájera a S. Domingo de la Calzada	40
Capítulo 13 De S. Domingo de la Calzada a Belorado	43
Capítulo 14 De Belorado a S. Juan de Ortega	46
Capítulo 15 De S. Juan de Ortega a Burgos	49
Capítulo 16 De Burgos a Castrojeriz	52
Capítulo 17 De Castrojeriz a Frómista	55
Capítulo 18 De Frómista a Carrión de los Condes	58
Capítulo 19 De Carrión de los Condes a Sahagún	61
Capítulo 20 De Sahagún a El Burgo Ranero	64
Capítulo 21 De El Burgo Ranero a León	67
Capítulo 22 De León a Villadangos del Páramo	70
Capítulo 23 De Villadangos del Páramo a Astorga	73
Capítulo 24 De Astorga a Rabanal del Camino	76
Capítulo 25 De Rabanal del Camino a Ponferrada	79
Capítulo 26 De Ponferrada a Villafranca del Bierzo	84
Capítulo 27 De Villafranca del Bierzo a Liñares passando por O Cebreiro	87
Capítulo 28 De Liñares a Sarria	91
Capítulo 29 De Sarria a Portomarín	94
Capítulo 30 De Portomarín a Paldas del Rey	97
Capítulo 31 De Paldas del Rey a Arzúa	100
Capítulo 32 De Arzúa a Santiago de Compostela	103
POSFÁCIO	111

PREFÁCIO

O nosso despertar para a peregrinação a Santiago de Compostela aconteceu no ano 2000.

Às vésperas de uma viagem, já contratada e paga, para visitar a Terra Santa em seu ano Jubilar, ocorreu a Segunda Intifada, uma Guerra Santa promovida pelos palestinos contra Israel tendo como Epicentro Jerusalém. A nossa viagem, tão esperada, que também seria uma comemoração pelos nossos 30 anos de casados, completados em julho daquele ano, ficou impossível de ser feita.

Em pouco tempo a agência de viagens conseguiu alterar toda a programação, e a viagem passou a ser para a Espanha, Portugal e Roma.

Em Madrid, pegamos um trem e fomos conhecer Santiago de Compostela.

Chegamos à cidade de madrugada, antes do amanhecer, com a cidade escura e envolta em nuvens. Logo subimos à praça onde fica a Catedral de Santiago de Compostela. A igreja estava apenas com uma porta lateral aberta.

Depois de muitas orações de graças, de pedidos e da adoração a Cristo, fomos para a praça. O espetáculo dos peregrinos chegando à Catedral nos tocou profundamente, e desde aquela época passamos a desejar fazer o Caminho de Santiago.

Após muito sonhar, decidimos fazê-lo, mas julgávamos que precisaríamos de 40 dias, entre o Caminho e a viagem de antes e depois. E todo este tempo fora do trabalho parecia muito difícil.

Finalmente resolvemos que teria que ser no ano de 2010, quando completaríamos 40 anos de casados. Seria uma "Lua de Mel", no mínimo, diferente.

Passaram-se mais 10 anos. Estaremos completando 50 anos de casados no dia 11 de julho de 2020.

Programamos uma série de comemorações, até que apareceu a pandemia da Covid-19. Tivemos de adiar toda a programação e, na verdade, não sabemos se poderemos realizar todo o programado. E ficamos em casa!

Ficando em casa, ficamos procurando o que fazer. Além de toda a atividade física que estamos fazendo, estamos dando uma geral em tudo na casa. E nos deparamos com as lembranças do Caminho de Santiago de Compostela.

Quando fizemos o Caminho, dentro do nosso ritual diário, havia o registro em um site que preparamos sua base antes de viajar. Muitos familiares e amigos nos acompanharam diariamente, e isso nos dava mais força para seguir em frente, dia após dia.

Desejávamos há muito transformar esse site em um livro, mas nas mudanças que passamos nesses últimos dez anos, havia ficado esquecido em um canto da memória.

Decidimos, então, aproveitar essa disponibilidade forçada para realizarmos o sonho de escrever esse livro.

Durante o nosso percurso diário no Caminho conversamos muito e exercitamos a nossa espiritualidade. Rezamos sempre, incluindo o terço e a Via Sacra, além de aproveitarmos a natureza e a história, tão presentes no Caminho. A cada dia as orações eram em nossa intenção, na intenção de cada um de nossa casa, da nossa família, dos nossos amigos próximos, dos amigos não tão próximos, dos nossos colegas, e também em intenção daqueles que, por alguma razão, não nos dedicavam a sua amizade

O nosso ritual diário, após completar o percurso diário programado era:

- Chegar ao hotel que foi reservado previamente;
- Tomar um banho, lavar a roupa utilizada naquele dia e dar uma pequena descansada. Percorríamos a cada dia, entre 18 quilômetros e 42 quilômetros, cada um com uma mochila de aproximadamente 10kg nas costas, passando pelos mais diversos tipos de caminhos, incluindo estradas pavimentadas (muito pouco), estradas não pavimentadas, trilhas normais, trilhas difíceis e, às vezes, trilhas muito difíceis;
- Sair para almoçar. No interior da Espanha, pelo menos naquela época, os restaurantes não serviam almoço após às 15 horas;
- Retornar ao hotel para anotar em um bloco, que guardamos até hoje, um relato de tudo o que ocorrera naquele dia. Imediatamente após terminarmos, saíamos a procura de algum Cyber Café, onde poderíamos acessar o nosso site, no módulo de edição, para publicar a memória do dia. Além disso baixar as fotos que havíamos feito no dia para, também, colocar no nosso site.

Dessa forma, quando decidimos escrever o livro, os textos já estavam publicados no site. Porém, ao prepararmos o texto para o livro, buscamos enriquecê-lo na medida que a memória e os recursos disponíveis, que temos hoje, nos permitem.

E assim nasceu esse pequeno livro. Espero que todos os que tiverem a oportunidade de manuseá-lo, desfrutem o que foi uma das experiências mais extraordinárias de nossa vida. Nunca mais fomos as mesmas pessoas que éramos antes de fazer o **Caminho de Santiago de Compostela**.

Edson e Socorro

PS: 1- O endereço do site é <http://eduffles.wix.com/edson-e-socorro-santiago-de-compostela#>! . Porém, para que ele seja acessado, é necessário o uso de flash player, recurso que o Iphone não dispõe, e que alguns browsers (Google Chrome por exemplo) exige que você libere o seu uso.

2- Esse livro não será vendido. Seu objetivo é ser uma lembrança para nós, para nossa família e para os amigos que nos acompanharam, ou não, quando fizemos essa jornada.

maio de 2020

Capítulo 1

Uma breve informação sobre a origem do Caminho de Santiago de Compostela

Tiago, o filho de Zebedeu, que era também conhecido como Tiago o velho, após a Ressurreição de Cristo foi catequizar na Galícia. Sem ter tido muito sucesso retornou a Jerusalém. Como havia desobedecido uma proibição romana de pregar o cristianismo na região do que hoje é a Europa, Tiago foi decapitado por ordem de Herodes Agripa, rei da Judeia.

Os discípulos de Tiago, Atanásio e Teodoro, recolheram seu corpo e o levaram secretamente em um barco para lugares de sua pregação no norte da Espanha. Quando procuravam um local para enterrá-lo teriam visto, à beira de um lago, dois anjos em um barco convidando-os a subir. Conduzidos pelos Anjos, remaram muito tempo até chegar ao longínquo Reino das Astúrias. O barco seguiu por um Rio até o ponto onde o enterraram.

Durante séculos sabia-se que o Apóstolo teria sido enterrado na Galícia, mas não se tinha ideia exata do local. Nos primeiros anos do século IX, o eremita Pelayo viu, durante muitos dias, uma “chuva de estrelas cadentes” (campo de estrelas, em latim Campus Stellae) em uma colina. Diz a lenda que o apóstolo Tiago apareceu para o eremita em um sonho e lhe revelou que as luzes indicavam onde estava sua sepultura. Pelayo foi ao local removeu a terra e descobriu a sepultura. A descoberta foi comunicada ao bispo de Iria Flávia que, por sua vez, comunicou ao Rei Alfonso II, que caminhou até o local para conferir o que lhe havia sido informado. Dessa forma o Rei Alfonso II se tornou o primeiro peregrino de Santiago. Após esta identificação, uma grande quantidade de pessoas começou a visitar o local, alcançando inúmeras graças.

Em função disto o Bispo mandou construir um templo de barro e pedra sobre a tumba. Mais tarde deu-se início a construção da Catedral, que levou séculos, devido ao seu tamanho e a grande quantidade de intervenções ocorridas. A cidade cresceu em torno da igreja, que recebeu o nome de Santiago de Compostela, (Campo de Estrelas). E os prodígios e milagres seguiram crescendo desde aquela época.

Durante a ocupação moura na península ibérica, a proteção e ação de Santiago foi considerada fundamental para a retomada pelos cristãos. No ano 842, tropas cristãs, apesar de sua grande inferioridade numérica, derrotaram os árabes do reino da Andaluzia. Crê-se na ação direta do Apóstolo, um cavaleiro montado em um cavalo branco (Santiago, o Matamoros). Em função disto, Santiago é o Padroeiro (Patrón) da Espanha. Em todos os lugares onde os espanhóis colonizaram existe uma cidade

chamada Santiago. Algumas são capitais (Santiago do Chile), outras cidades importantes (Santiago de Cuba), e outras não tão conhecidas.

Em função de um crescimento muito grande nas peregrinações, em 1119 o papa Calixto reconheceu Santiago de Compostela como um dos três centros cristãos de peregrinação, além de Roma e de Jerusalém.

Os fiéis que iam a Roma eram denominados "romeiros" (de onde nasceu a palavra "romaria", o ato de ir a Roma), os que iam a Jerusalém eram os "palmeiros" por levarem uma folha de palma, símbolo de sua caminhada, e os que iam a Compostela eram chamados de "peregrinos", isto é, os que atravessam o campo (per + agro).

Mais e mais peregrinos se dirigem permanentemente, desde aquela época, à Santiago de Compostela, passando por diversos caminhos. Dentre os caminhos existe o Caminho Português, o caminho Aragonês e o Caminho Francês, que foi o que fizemos em 2010.

Todos os anos em que o dia 25 de julho, dia de São Tiago, acontece em um domingo, é considerado como Ano Jacobeu (Tiago = Jacob). Nesses anos a quantidade de peregrinos nos caminhos aumenta muito, havendo em certos dias, principalmente naqueles próximos ao dia 25 de julho um verdadeiro "congestionamento de peregrinos".

O ano de 2010 foi um Ano Jacobeu e, desta forma, o Caminho Francês de Santiago de Compostela nos recebeu em um clima de festa. Naquele ano foi estimado que cerca de 200.000 peregrinos chegaram a Santiago de Compostela pelos diversos caminhos.



Capítulo 2

A Preparação

Caminhar por mais de 800 quilômetros, passando por rotas e locais totalmente desconhecidos para nós, era um desafio muito grande. Mas não faltavam orientações para quem desejasse fazer o Caminho de Santiago de Compostela.

Foi dentro deste cenário que decidimos no início de 2010 fazer o Caminho. A primeira decisão que se tornou necessária foi escolher qual o Caminho. Depois de alguma pesquisa em sites da internet, escolhemos o Caminho Francês. E saindo da França, pois são muitos os peregrinos que fazem o Caminho Francês começando em algum ponto já dentro da Espanha.

Compramos o livro “O Caminho de Santiago” do jornalista Sérgio Reis, e Importamos da Espanha o guia “El Camino de Santiago Em Tu Mochila” do autor Antón Pombo.

Buscamos todos os sites disponíveis, principalmente o da Associação Brasileira dos Amigos do Caminho de Santiago <https://www.caminhodesantiago.org.br/>, onde recebemos e estudamos informações diversas sobre o Caminho e de como se preparar para fazê-lo.

Como já éramos corredores de rua, tínhamos um bom condicionamento físico. Mas treinar e participar de corridas é muito diferente de caminhar por trilhas, por muitos e muitos dias e com uma pesada mochila nas costas.

Começamos com um treinamento ainda em janeiro de 2010.

Já com as mochilas e os calçados escolhidos para o Caminho, iniciamos com trechos pequenos e uma carga menor que a prevista.

A seguir alguns dos treinos que fizemos em finais de semana:

- De casa a General Carneiro pela Avenida dos Andradas, aproximadamente 20 quilômetros com pouco peso;
- Subindo a Estrada do Taquaril, quase chegando a Sabará com mais peso. Foi nesse treino que pegamos a primeira chuva. Sabíamos que iríamos ter chuva pelo Caminho;
- Subindo a Av. Afonso Pena até o pé da Serra do Curral, pegando as primeiras trilhas, dando voltas com subidas e descidas;
- Fazendo um trekking na Serra da Moeda, iniciando pela estrada do Retiro das Pedras;
- De casa até à Cidade Administrativa pelas ruas e pela rodovia, retornando parte do percurso, em um total de 30 quilômetros e com o peso sempre aumentando. Nesse treino, sentimos as primeiras dores, principalmente nos pés, devido ao esforço;

- O treino derradeiro foi um percurso de ida e volta, debaixo de muita chuva, entre Conceição do Mato Dentro, onde temos uma casa, e o Distrito do Tabuleiro, em um percurso de 40 quilômetros já com quase o todo o peso que levaríamos no caminho.

Temos certeza que o treinamento que fizemos foi fundamental para o nosso sucesso no Caminho, inclusive porque tivemos a oportunidade de “amaciar” os nossos calçados e testar as roupas que iríamos utilizar.

Nessa altura já havíamos decidido o tipo de roupas iríamos levar, escolhidas, inclusive, em função do peso das mesmas. Levamos o mínimo possível. Calças próprias para trekking, muito leves, camisetas de corrida, de dry fit, que facilitavam muito o processo de lavagem. Eram duas camisetas para cada um. Dormíamos com uma camiseta e percorríamos o trecho do dia seguinte com ela. A do dia anterior havia sido lavada e quando chegávamos ao hotel, após a missa do peregrino, já estava pronta para ser usada novamente. Em lugar de toalhas levamos fraldas de pano, leves, absorventes e de rápida secagem. Levamos agasalhos de malha, calças e jaquetas impermeáveis (de motoqueiro) e capas de chuva, que foram fundamentais. Cada um levou, também, uma sandália para ser usada após a chegada ao destino do dia, e dessa forma descansar os pés. Como era previsto enfrentarmos muito frio em alguns dias, levamos luvas. Foi acrescentado um pequeno suprimento de medicamentos, que poderiam ser necessários durante aqueles dias, e uma pequena quantidade de oleaginosas além de bastante água.

Levamos um relógio GPS Garmin, que utilizávamos nas corridas. Dávamos partida no GPS no momento em que, pela manhã, deixávamos o hotel. Finalizávamos o GPS na porta do hotel quando chegávamos no destino do dia. Com isso pudemos registrar, com uma certa precisão, as distâncias que percorríamos a cada dia.

Levamos, também, um termômetro digital grande. Quando acordávamos, o colocávamos ao lado de fora da janela, para medir a temperatura que nos esperava para o dia.

Não menos importante era definir, de antemão, em que localidades iríamos pernoitar e onde poderíamos nos alimentar e ter banheiros durante cada percurso. O guia que havíamos importado tinha bastante informações a respeito.

Decidimos que não iríamos ficar em albergues. Sabíamos da disponibilidade em todos os pontos de parada, em geral associados à paróquia local, mas achamos que seria importante um mínimo conforto durante a noite. Por isso decidimos que iríamos dormir em hotéis, sem nos preocupar com a “estrelas” que os mesmos ostentavam. O importante era um banho quente e uma boa cama, de casal.

O guia indicava que em todos os locais escolhidos para passar a noite haviam hotéis simples e baratos, mas que permitiriam mais conforto e privacidade. Mas para ter segurança que teríamos disponibilidade (lembrando que 2010 era um ano Jacobeu e a quantidade de romeiros esperada era muito grande) tínhamos que reservá-los para

os 30 pernoites previstos. Nessa altura já sabíamos que faríamos o caminho em 29 dias, mas precisávamos de um hotel também no nosso ponto de partida.

Em 2010, a reserva dos hotéis simples só era possível fazer diretamente. Alguns dos sites de reserva hoje existentes já estavam em operação naquela época, mas somente cobriam os hotéis principais, e das cidades maiores. O guia tinha informações sobre as opções de hotelaria, mas as reservas tinham que ser feitas por e-mail ou por telefone. Apenas uns poucos hotéis conseguimos fazer a reserva através do site booking.com.

Com as passagens compradas e todos os 30 hotéis reservados aconteceu o inesperado. O vulcão Eyjafjallajökull (que nome complicado), na Islândia, entrou em erupção no início de abril, espalhando cinzas pelos céus de toda a Europa e fechando praticamente todos os aeroportos. A nossa viagem na data programada se tornou impossível. O efeito não foi como o da atual pandemia, mas tivemos que atrasar todo o nosso programa em sete dias. Como as companhias aéreas não tinham opção, não foi difícil reprogramar os voos. Mas tínhamos 30 reservas de hotéis a alterar, em um intervalo muito curto. Foi muito trabalhoso, mas como Santiago já estava do nosso lado, conseguimos, no pequeno prazo que tínhamos, alterar todas as reservas. Passamos a ter certeza que Santiago queria que fizéssemos os seu Caminho.

Fomos para Paris, onde a nossa filha Aline morava naquela época. Passamos uns poucos dias com ela e, então, iniciamos o nosso tão sonhado **Caminho de Santiago de Compostela**.

A planilha abaixo mostra o planejamento dos primeiros dias da peregrinação, e ilustra como estávamos bem organizados para fazer o caminho com sucesso.

Rot	Dia		dist. Etapa	dist. Trecho	dist. Rest.	Asfalto	terra	trilha	LOCALIDADE	Alt	HOTEL
1	29/abr	quinta	0,0	0,0	788,9				Saint Jean Pied de Port	160	Mne Gracianne Paris 35 Avenue Renaud 64220 St Jean Pied de Port tel / 05.59.37.22.32 tel/fax / 05.59.37.01.47 Email gracianne.paris@wanadoo.fr site w eb http://ch-garazi.monsite.orange.fr/
				5,2	783,7				Untto	840	
				2,7	781,0				Orisson	1.000	
				3,9	777,1				Santuário La Virgen	1.310	
				3,6	773,5				Crucero Monte Leizar-Atheca	1.409	
				1,9	771,6				Collado Bertantea	1.350	
				4,2	767,4				Collado Lepoeder	1.440	
				4,2	763,2				Roncesvalles	950	
2	30/abr	sexta	25,7	4,2	763,2	13,7	6,4	5,6	Roncesvalles	950	POSADA DE RONCESVALLES Tel. 948760225 - Fax. 948760266 Roncesvalles-Orreaga (Navarra)
				2,9	760,3				Burguete	895	
				3,8	756,5				Espinal/Aurizberri	870	
				1,8	754,7				Alto Mezkitz	935	
				3,2	751,5				Biskarreta	780	
				2,1	749,4				Lintzoain	740	
				4,6	744,8				Alto de Erro	840	
				4,1	741,3	2,2	9,8	9,9	Zubiri	530	
3	01/mai	sábado	21,9	2,7	738,6				Illaratz	540	Hosteria de Zubiri Avda. Roncesvalles, 6 - 31630 ZUBIRI (Navarra) Teléfono-Fax + 34 948 30 43 29
				0,8	737,8				Ezkioitz	540	
				2,1	735,7				Larrasoaña	495	
				0,9	734,8				Akerreta	530	
				3,4	731,4				Zuriain	490	
				2,1	729,3				Irotz	485	
				1,3	728,0				Zabaldika	500	
				0,9	727,1				Arleta	515	
				2,8	724,3				Villava/Trinidad de Arre	420	
				1,4	722,9				Burlada	430	
				4,1	718,8	9,1	7,8	5,6	Pamplona	445	
4	02/mai	domingo	22,5	3,2	715,6				Puente Medieval rio Sadar	450	Hotel Puerta del Camino Endereço Dos de Mayo, 4 Pamplona, 31001 Espanha Telefone +34948226688 Fax +34948226689
				1,9	713,7				Cizur Menor	480	
				4,0	709,7				Guenduláin	500	
				2,4	707,3				Zarriegui	625	
				2,4	704,9				Alto del Perdón	734	
				3,6	701,3				Uterga	495	
				2,8	698,5				Muruzábal	395	
				1,8	696,7				Obaños	370	
5	03/mai	segunda	24,6	2,5	694,2	5,9	13,0	5,7	Puente de La reina	345	Hotel JAKUE Dirección: Irunbidea, 34, Puente la Reina Tfno.: 948341017 Fax.: 948341120 Web: w w w . jakue . com Mail: hotel@jakue.com
				4,9	689,3				Mañeru	455	
				3,1	686,2				Cirauqui	495	
				4,7	681,5				Puente Medieval rio Salado	420	
				1,5	680,0				Lorca	480	
				4,8	675,2				Villatuerta	440	
6	04/mai	terça	24,2	5,2	670,0	6,6	10,8	6,8	Estella	460	HOSTAL EL VOLANTE Calle MERKATONDOA , 2 TFNO/FAX 0034 948 55 39 57 - MOVIL 638 029 005 31200 ESTELLA/LIZARRA - NAVARRA - ESPAÑA w w w . hostalelvolante . com
				2,7	667,3				Ayegui (Fuente Vino de Irache)	465	
				3,9	663,4				Entrada de Azqueta	500	
				1,3	662,1				Azqueta	495	
				1,3	660,8				Entrada Villamayor de Monjardin	690	
				0,7	660,1				Villamayor Monjardin	675	
				2,3	657,8				Cruzamento de Urbiola	510	
				6,3	651,5				Piedras Mormas (área de pinus)	465	
7	05/mai	quarta	21,6	3,1	648,4	4,8	15,2	1,6	Los Arcos	445	HOTEL MONACO Tel 948 64 00 00 Fax 948 64 08 72 info@hotelmonaco.es Plaza del Coso Nº 1 31210 Los Arcos Navarra
				6,9	641,5				Sansol	505	
				1,1	640,4				Torres del Rio	475	
				2,7	637,7				Ermita Virgen Del Poyo	605	
				5,5	632,2				Entroncamento da N-111 (km 78)	470	
				2,3	629,9				Viana	470	
				5,5	624,4				Fronteira Navarra / La Rioja	420	
8	06/mai	quinta	28,8	4,8	619,6	7,2	15,8	5,8	Logroño	380	Hostal La Numantina w w w . hostalhumantina . com Tel 941 25 14 11 Fax 941 25 16 45
				3,4	616,2				Túnel (inicio Parque La Grajera)	380	
				5,8	610,4				Alto de La Grajera	540	
				2,1	608,3				Ponte sobre Autovia A-68	500	
				2,7	605,6				Navarrete	520	
				7,9	597,7				Alto de San Antón	610	
				2,8	594,9				Antigo Morro da Cruz (Torre Tel.)	520	
9	07/mai	sexta	30,1	5,4	589,5	16,1	11,6	2,4	Nájera	500	Hostal Hispano Najera http://w w w . hostalhispanonajera . com/ Calle La Cepa 2 Tel 941 36 36 15
				1,1	588,4				Alto dos Pñus	570	
				1,0	587,4				Baixada da granja	550	
				4,5	582,9				Azofra	560	
				8,2	574,7				Ciriñuela (não entra no povoado)	620	
				1,4	573,3				Cirueña (não entra no povoado)	750	
10	08/mai	sábado	23,3	7,1	566,2	6,9	16,4	0,0	Santo Domingo de La Calzada	640	HOSTAL REY PEDRO PRIMERO Calle San Roque, 9 CP 26250 Santo Domingo de la Calzada _LA RIOJA_ Tlfo: 941 341 160 Fax: 941 340 698
				6,9	559,3				Grañón	720	
				3,8	555,5				Redecilla del Camino	740	
				1,9	553,6				Castildelgado	770	
				2,1	551,5				Viloria de Rioja	800	
				3,3	548,2				Villamayor del Rio	790	

Capítulo 3

Dia Zero – 29/04/2010

Ponto de partida: Saint Jean Pied de Port - França

Sobre Saint Jean Pied de Port

Saint Jean Pied de Port (*Donibane Garazi*, em basco) é uma comuna francesa situada no departamento dos Pireneus Atlânticos, na região da Aquitânia, com área de 2,73 km² e tinha, no ano de 2010, 1.471 habitantes.

Saint Jean Pied de Port é parte do território histórico do País Basco e foi sua capital a partir de 1512. Após a separação do resto de Navarra, começou a ser chamada Baixa Navarra, Navarra Acima da Terra ou Ultrapuertos. A cidadela foi construída no lugar do antigo castelo dos reis da Navarra, sobre a colina de Mendiguren. Uma muralha de mais de 70 metros de altura domina a cidade. Edificada no século XVII em um contexto de guerras religiosas e conflitos franco-espanhóis, foi redesenhada por Vauban. Ele melhorou o sistema defensivo, as fortificações do conjunto da cidade, e os subterrâneos. A partir do século XVIII foram feitas expedições contra a Espanha, com os voluntários e as dez companhias de caçadores bascos, sob o comando do futuro Marechal Harispe. A cidadela de Saint Jean Pied de Port faz parte do conjunto de fortalezas nas montanhas dos Pireneus Ocidentais.

A antiga estrada a Santiago de Compostela teria sido desviada de forma que atravessasse St. Jean Pied de Port, tornando-a passagem obrigatória dos peregrinos que vinham da França.

Nosso Percurso

Sáimos de Paris às 8h:50 com destino a Biarritz, também na França.

Chegamos ao aeroporto de Biarritz às 10h de onde tomamos um ônibus para uma estação, aonde embarcaríamos em um trem com destino à localidade início do nosso caminho, St. Jean Pied de Port. Para a nossa surpresa o trem, na verdade, era um simples ônibus cujo ponto era em frente à estação do trem.

Chegamos ao destino, uma linda cidade do século XII, por volta das 13h e fomos para o hotel.

A cidade é linda, um primor, com um pequeno rio de águas cristalinas que serpenteia por toda a sua superfície, tendo ao fundo pedras e pequenos peixes nadando. A cidade é muito limpa e florida, muito verde, jardins e um lindo artesanato. Muitos turistas, em sua maioria peregrinos se preparando para a longa jornada, circulam com suas mochilas às costas.

Visitamos a igreja e comemos alguma coisa em uma lanchonete pois, apesar do relógio marcar apenas 15h, os restaurantes já não serviam mais o almoço.

Fomos à sede dos Amigos do Caminho de Santiago de Compostela para carimbar a nossa Credencial de Peregrino, que havíamos recebido no escritório do Rio de Janeiro. A credencial é um tipo de passaporte que deveria ser carimbado em todas os locais onde iríamos pernoitar, para comprovar, ao chegar em Santiago de Compostela, que havíamos feito o caminho e poder solicitar a nossa “Compostelana”, um tipo de diploma que o peregrino recebe quando chega ao final da peregrinação.

Fizemos o reconhecimento do início do Caminho, caminhamos uma centena de metro e tiramos algumas fotos.

Tudo leva a crer que amanhã às 7h, horário que programamos iniciar o Caminho, o tempo estará nublado, provavelmente chovendo.

Às 19h fomos à missa. Ao final da celebração o sacerdote convidou todos os peregrinos, que iriam iniciar o Caminho, para se postarem em frente ao altar e receberem a primeira bênção da jornada. Havia muitos peregrinos, dentre eles quatro brasileiros, nós e dois rapazes, um de Niterói e outro de Salvador.

Retornamos ao hotel, onde jantamos e fomos dormir, com uma enorme ansiedade pela aventura que está nos esperando a partir de amanhã.



Capítulo 4

Primeiro dia

30/04/2010

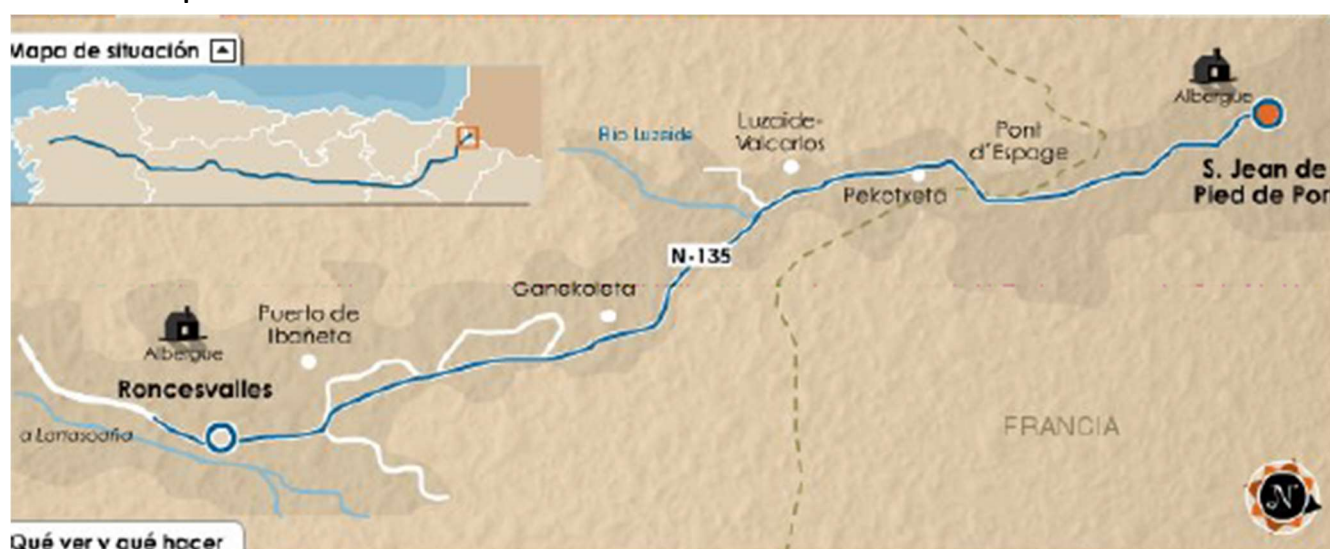
De St. Jean Pied de Port a Roncesvalles (da França à Espanha)

Distância: 26,2km

Distância percorrida até hoje: 26,2km

Tempo gasto: 8:12h

Temperatura ao sair:12° C



Sobre Roncesvalles:

Roncesvalles é uma localidade minúscula da Espanha, na província de Navarra, com 15,28km² de área e, em 2016, tinha apenas 34 habitantes. Situa-se na margem do rio Urrobi a uma altitude de cerca de 900 m, nos Pireneus, a 4 quilômetros em linha reta da fronteira com França, ou a 21 quilômetros por estrada.

Roncesvalles é famosa, na sua história e tradição, pela derrota de Carlos Magno em 778 durante a batalha de Roncesvalles, onde a retaguarda de Carlos Magno foi destruída pelas tribos bascas.

O centro de tudo em Roncesvalles é a Colegiata. Colegiata ou igreja colegiada é um templo católico que, sem ser catedral, possui um Conselho que administra a localidade que que está inserida. Desde a Idade Média que esta Colegiata tem sido local de descanso de peregrinos católicos que percorrem o Caminho de Santiago, sendo o primeiro local de descanso após se cruzar os Pireneus Franceses.

Nosso Percurso

Acordamos às 3 horas, e não conseguimos mais dormir, apesar do incrível silêncio, da escuridão do quarto e da ótima acomodação.

Tomamos o café da manhã às 7h e saímos às 7:47h. Mochila lotada nas costas e várias coisas dependuradas, pois nem tudo coube dentro.

Foram 21 quilômetros de subida sem planos nem descidas. Saímos de 160m de altitude e chegamos a 1.350m. Foi um desafio maior do que aquele que tivemos ao subir correndo até o Cristo Redentor, em uma prova que participamos em 01/02/2009. Depois desta subida, tivemos que descer trilhas para lá de difíceis para completar a distância percorrida.

Assim que chegamos em Roncesvalles fomos para a Casa do Peregrino, onde enfrentamos uma enorme fila e conseguimos o nosso 2º carimbo na credencial do Caminho.

Ainda bem que carregamos bastante barra de cereal, biscoito integral, banana desidratada, castanhas, avelãs, soja desidratada, porque em quase todo o percurso não havia nada para comprar. Água tivemos em abundancia em várias fontes, tudo muito organizado e limpíssimo. Nada de descartável se vê no entorno por onde caminhamos. Passamos por lugares belíssimos e despenhadeiros tenebrosos (muitos dos quais nos fizeram lembrar filmes de terror). Andamos mais de 20 quilômetros dentro de uma nuvem, onde até para vermos um ao outro era difícil. Tivemos de tudo, menos sol. Chuva, frio intenso, muito vento forte, neblina, barro, pedregulhos, terra, asfalto, árvores enormes caídas e atravessadas no caminho, trilhas esburacadas pela chuva. Só conseguimos ver o final do nosso percurso graças às orações que fizemos, sem cessar. Ficamos felizes, orgulhosos e dando Graças a Deus pela força e coragem que tivemos.

Às 20 horas fomos à missa do Peregrino na Igreja de Nossa Senhora de Roncesvalles, na Real Colegiata, uma construção no estilo gótico francês, uma imitação da Catedral de Notre Dame de Paris.

Foi uma belíssima celebração, dedicada aos peregrinos, de quase todo o mundo. Quase todos os peregrinos estavam descalços, de chinelos ou sandálias, de forma a descansar os pés e evitar bolhas. Cinco padres concelebraram a missa, que teve uma benção final com todos peregrinos presentes, a igreja toda lotada, em torno do altar. O padre deu a benção em todas as línguas dos que estavam na celebração, e que tiveram a oportunidade de se apresentar. Foi muito emocionante. Sentimo-nos abençoados por Deus e por Santiago.



Capítulo 5

Segundo Dia

01/05/2010

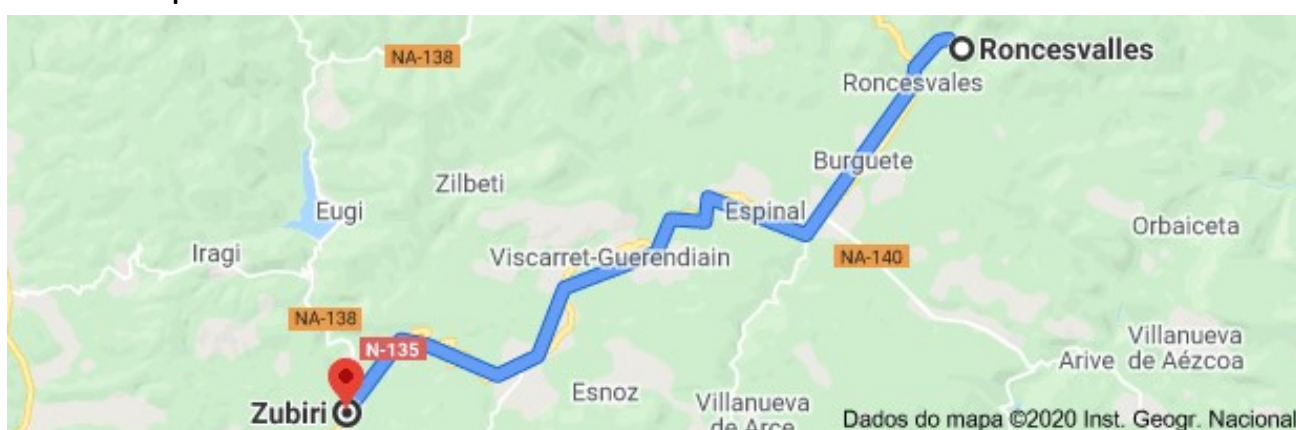
De Roncesvalles a Zubiri

Distância: 22,87km

Distância percorrida até hoje: 49,07km

Tempo gasto: 6:30h

temperatura ao sair:12° C



Sobre Zubiri

A meio caminho entre Roncesvalles e Pamplona fica Zubiri, uma parada essencial no Caminho dos Peregrinos para Santiago de Compostela.

Rodeado por belas paisagens, Zubiri é a principal localidade do vale Esteribar e uma das maiores da região. Embora tenha sofrido uma transformação recente, ainda conserva algumas características do século XVIII. Fica situada a uma altitude 1.848 m possuindo uma área de 5,08 km² com uma população estimada em 435 habitantes.

A ponte medieval que dá nome à cidade atravessa o rio Arga. Também é conhecida como 'Ponte da Raiva' e testemunhou uma tradição singular nos anos passados: os habitantes levavam seus animais para circular o seu pilar principal para impedi-los de serem contaminados pela "raiva", porque uma lenda dizia que esse pilar teria o poder de curar a doença.

Nosso percurso

Não foi como a subida dos Pirineus, mas foi também uma etapa muito difícil. Andamos a maior parte do tempo em trilhas, dentro de uma mata espessa, com chuva (fraca, mas ininterrupta), muito barro, passando por dentro de povoados, fazendas, currais de bois e cavalos (lindos), ovelhas (uma quantidade enorme). Pensamos muito

no compadre Dionízio enquanto passávamos nas fazendas. Ele iria gostar. Subimos e descemos o tempo todo; difícilíssimo.

Acreditamos não ser possível fazer estes trajetos sem ter prática e sem ter dois apetrechos fundamentais, a bota e o bastão. Estávamos com três blusas e duas calças. Chegamos encharcados de suor, da cabeça aos pés, em função das roupas impermeáveis que usávamos sobre tudo (roupa que motoqueiro utiliza na chuva).

As paisagens são indescritíveis. O verde é de um tom inexplicável. É o resultado do início da primavera (apesar do frio de inverno). As folhas começam a aparecer. Há uma imensidão de flores silvestres e o respeito que todos tem por tudo no caminho é incrível.

A quantidade de pessoas caminhando é grande e todos se cumprimentam, em várias línguas e se respeitam.

Conhecemos hoje mais dois brasileiros, ambos mineiros, um de Areado (que mora em São Paulo) e o outro de Três Corações.

Nossa alimentação nesses dias tem sido basicamente a recomendada pela nutricionista do Minas Tênis Clube: proteína, carboidrato, queijinho, banana, pasta de soja, castanhas amêndoas, isotônico e muita água (uns 3 litros). São kits consumidos de hora em hora durante o percurso.

Quando chegamos ao hotel tivemos que tirar as botas para entrar, pois estavam sujíssimas pelo barro do caminho. A recepção do hotel nos deu pantufas de plástico para andarmos de meias, antes de subirmos para o quarto.

Somente à noite temos feito a refeição completa. Ontem comemos Macarrão de entrada e truta com batata, além de muito pão, vinho e água. Essa refeição era chamada de Menu do Peregrino. Por um preço módico pudemos escolher, por pessoa, entre uma garrafa pet de água e uma garrafa de “vino joven”. Trata-se de um vinho delicioso que não passou pelo processo de “envelhecimento”. Pedimos uma garrafa de água e um vinho.

É incrível como as pessoas estão espiritualizadas. Há muito silêncio, paz e oração. Ninguém usando celular e muitos, como nós, com o terço na mão.

Somos o tempo todo peregrinos da fé, do amor da oração. Caminhamos com Deus.

À noite recebemos uma triste notícia. Ana Maria, colega de colégio e grande amiga da Socorro, que estava muito doente e por quem temos rezado todos os dias, havia falecido no dia 29/04.



Capítulo 6

Terceiro Dia

02/05/2010

De Zubiri a Pamplona

Distância: 22,14km

Distância percorrida até hoje: 70,11km

Tempo gasto: 5:25h

Temperatura ao sair: 12°C



Sobre Pamplona

Pamplona é a capital da província de Navarra. É atravessada pelos rios Arga, Elorz e Sadar. O município tem 25,24 km² e em 2016 tinha 195 650 habitantes.

Pamplona foi fundada em 74 a.C. pelo general romano Pompeu. Após as invasões bárbaras no século VI, a cidade fez parte do Reino Visigótico de Toledo e, a partir do século VIII, do Alandalus muçulmano. Durante a primeira metade do século IX a nobreza local, aliada à família muladi Banu Cassi, conseguiu consolidar um reino cristão, vassalo dos muçulmanos, o Reino de Pamplona, que depois se tornaria o Reino de Navarra e se tornou completamente independente em 905. O reino teve o seu auge no século XI, quando chegou a ser o mais poderoso reino ibérico cristão. Em 1512 a cidade foi ocupada por tropas castelhanas de Fernando, o Católico, tendo o reino Navarro sido oficialmente anexado à coroa espanhola em 1521. A maior parte dos nacionalistas bascos considera Pamplona uma das capitais do País Basco.

O evento anual mais famoso de Pamplona é o Sanfermines (Festa de São Firmino), que se realiza todos os anos entre 6 e 14 de julho. O ponto alto das festas, durante as quais as ruas da zona histórica permanecem inundados de locais e forasteiros, são os encierros (largadas de touros) e as touradas, que sempre se vê nos noticiários da TV.

Nosso percurso

Muito frio e neblina. Estivemos quase o tempo todo do caminho em trilhas, verdadeiros tubos de árvores, muito verdes e floridas. O Rio Arga nos fez companhia durante muito tempo, limpo a ponto de vermos as pedras no fundo. Havia muitas cachoeiras e, se não fosse o intenso frio, poderíamos, pelo menos, ter dado uma molhada nos pés.

Foi um trecho bastante agrícola. Plantações imensas de trigo margeavam o percurso. Bois, vacas ovelhas e cavalos nos faziam lembrar, novamente, o nosso amigo Dionízio. Como esse caminho se parece com ele. Continuamos observando a absoluta limpeza, cuidados e caprichos em toda a parte.

Os povoados (pequenos Pueblos) são lindos e extremamente limpos. Porém vimos poucas pessoas transitando. Também era domingo e fazia muito frio. E o frio foi nos acompanhando durante todo o trajeto. Foi impossível tirar qualquer peça do corpo enquanto caminhávamos. Três blusas, duas calças gorro, luvas. Quando parávamos para alimentar e descansar, tirávamos as mochilas das costas e sentíamos tanto frio que o nariz começava a congelar.

Depois de passarmos por muitos pueblos, chegamos a Pamplona.

Pamplona é uma grande cidade. linda, organizada, com as construções antigas (põe antigas nisto) muito preservadas, com lindos balcões floridos. O povo da cidade é muito bonito, atencioso e simpático.

Finalmente ficamos em um hotel com um quarto grande e bastante confortável. Os anteriores eram pequenos, mas muito limpos e de decoração extremamente bem cuidada e bonita. Tudo é um primor. Percebe-se o capricho das pessoas em tudo. Às três horas da tarde almoçamos em um bar, café e restaurante muito lindo (como tudo).

Como em todas as noites fomos à missa, desta vez na igreja de São Nicholas. Três altares, sendo o principal revestido de ouro. Após a missa recebemos o nosso 4º carimbo do passaporte do peregrino.

Caminhamos sempre com Deus. Ele é a razão desta nossa peregrinação



Capítulo 7

Quarto Dia

03/05/2010

De Pamplona a Puente de la Reina

Distância: 23,37km

Distância percorrida até hoje: 93,48km

Tempo gasto: 6:15h

Temperatura ao sair: 8° C



Sobre Puente de la Reina

Puente la Reina é uma localidade da província de Navarra. Tem 39,71 km² de área e, em 2016, tinha 2 807 habitantes

É um povoado eminentemente jacobeu, isto é, foi criado e desenvolvido em função de estar ao largo do Caminho de Santiago de Compostela, dispendo de vários edifícios religiosos. Ele deve sua fundação à ponte que a rainha que ordenou fosse construída sobre o rio Arga. Por isso o nome Puente de la Reina (Ponte da Rainha).

Entre sua herança monumental, destaca-se a igreja de Santiago El Mayor, construída no século XII e posteriormente ampliada. Possui uma bela porta românica com influências mouriscas, um plano cruzado latino e abóbadas estreladas. A igreja do crucifixo, românico do século XII, foi ampliada no século XIV. Sua fundação é atribuída aos Cavaleiros Templários que instalaram um albergue. Também digna de menção são, a sua grande ponte medieval de cinco arcos, a igreja de San Pedro do século XIV e o convento das Comendadoras de Sancti Spiritus.

Nosso percurso

São muitas emoções, tanta coisa nova que, muitas vezes, nos esquecemos algum detalhe no nosso relato.

É importante relatar todas as emoções e todos os sentimentos que temos sentido pelo caminho. A presença constante de Deus e o espírito de fé que nos envolve não é só nosso. Percebe-se isto em cada peregrino que nos passa ou que ultrapassamos pelo Caminho. Todos ligados, em silêncio, ao Espírito de Deus

É um espírito tão forte, de fé e esperança, que nos emocionamos com tudo. Cada dia dormimos menos, e percebemos hoje que a expectativa de amanhã é a razão.

O que vamos ver, o que vamos encontrar pelo caminho, a quem dedicaremos nossas orações?

Uma coisa nós já sabemos: O Caminho todo é marcado por setas amarelas e por conchas de vieiras. Em todos os locais onde tivemos dúvidas, sempre havia uma sinalização que nos dava orientação. Houve uma encruzilhada onde não visualizamos setas amarelas nem conchas de vieira. Começamos a ficar nos perguntando para que lado iríamos quando vimos uma seta riscada no barro que nos mostrou a direção correta. Isto nos impressionou muito...

Saímos às 7:45 h de Pamplona. Muito frio, vento, neblina, trilhas, mas nada que nos tirasse a motivação. Durante mais ou menos uma hora atravessamos a linda cidade de Pamplona com seus jardins super floridos, ruas limpas e organizadas. Desde a passagem pela Universidade de Navarra até a saída da cidade, mais ou menos uns doze quilômetros, caminhamos em trilhas dentro de campos de trigo, em ambos os lados. Belíssimo! Não existe espaço sem plantio. Fomos subindo, subindo, trilha após trilha, ora de pedras, ora de barro, bastante difíceis e perigosas. Subimos a uma grande altitude até os geradores eólicos de eletricidade, sobre o pico “Alto del Perdón”, onde se imagina que todos devam pedir o perdão seus pecados. Aproveitamos para fazer um exame de consciência, pedir perdão, e esperar pela absolvição de nossas faltas.

Em seguida veio uma descida muito brusca, uns 3 quilômetros em pedras roladas, trilhas, escadas, escorregões e mais triguais.

Chegamos a Puente de la Reina às 13:30h, cansados após caminhamos vinte e três quilômetros, felizes e realizados.

Começamos a pensar nas dores que temos sentido. No primeiro dia doeu bastante a mão que mais segura o bastão além de uma unha que quase se solta no pé da Socorro. No segundo dia a dor nas costas provocado pelo peso da mochila, e nos dedos dos pés devido às grandes pedras no barro em pedras. No terceiro dia, bastante dor nas costas.



Capítulo 8

Quinto Dia

04/05/2010

De Puente de la Reina a Estella

Distância: 25,21km

Distância percorrida até hoje: 118,69km

Tempo gasto: 6:30h

Temperatura ao sair: 8°C



Sobre Estella

Estella, ou Estella-Lizarra, é uma cidade que existe desde o início do século XI, fazendo parte da província de Navarra. Tem 15,45km² de área e, em 2016, tinha 13.668 habitantes. Suas ruas conhecem a passagem de bascos, francos, judeus e outros povos e culturas. A velha Lizarra, com muito orgulho, tem a sua história sempre ligada ao rio Ega, um marco no Caminho de Santiago, que anualmente atrai milhares de peregrinos à cidade. Desde suas origens jacobinas, os principais setores econômicos são o serviço e o comércio.

Nosso percurso

Passamos por muitas cidades neste Caminho. São cidades, pueblos e pueblitos, lindos e únicos. Tudo extremamente organizado, limpo, sem lixo, nem lixeira, nas ruas. Flores em todos os balcões e janelas das casas. As casas são pintadas de cores naturais e ornadas com pedras. Em todas as cidades há igrejas construídas com pedras, muito antigas (do século XII ao século XIV). É interessante ver que as igrejas mais antigas têm somente o crucifixo, sem outras imagens. As luzes estão sempre apagadas e vemos o seu interior através da iluminação natural vinda dos vitrais.

Muitos poderão estar se perguntando se nós não visitamos nada nas cidades, só igrejas. Nossa viagem é uma peregrinação, não turismo. O que vemos é o que está no Caminho. Só nos desviamos para visitar as igrejas.

Nosso trecho de hoje, de Puente de la Reina a Estella como todos os outros, não foi nada fácil. Saímos por volta das 7h (estava um pouco escuro ainda) com chuva e uma temperatura de 8°C. Logo que deixamos a cidade foi só subida: cascalho, terra e muito, muito barro. A temperatura foi só caindo... ficamos sabendo que teria chegado a 0°C durante o percurso.

De repente sentimos que nossa roupa estava coberta de gelo, pois a chuva havia se transformado em um granizo fino. O vento era intenso. Os campos, em uma extensão de mais de dez quilômetros, eram trigais que bailavam com o vento. Um espetáculo. Aos poucos começaram as vinhas e as plantações de mostarda, que não se abalavam com a natureza que as fustigava. Colocamos todas as roupas que carregávamos, mas mesmo assim sentimos congelar as mãos, pés e rosto.

As dores começaram a aparecer... nas costas, nas pernas, nas mãos.

Chegamos, por volta de 13:30h. Damos graças a Deus e a São Tiago.

Praticamente não caminhamos no asfalto. Apenas quando atravessamos as estradas. Trilhas, escadas (onde as descidas eram quase impossíveis), caminhos...

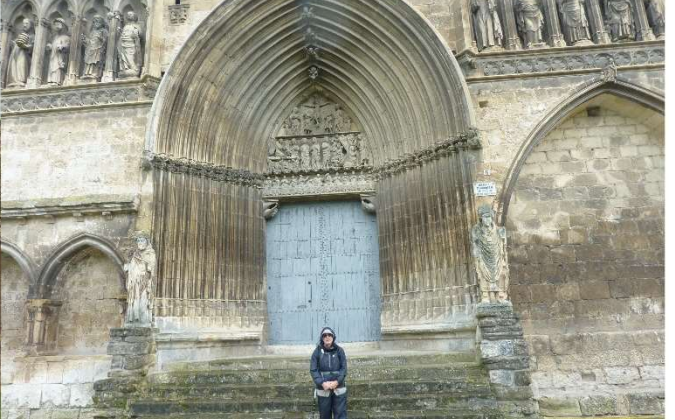
Como vale a pena!

Nos alimentamos várias vezes no percurso: castanhas, avelãs, banana seca e natural, VO2, barra de cereal, biscoito integral, soja desidratada, torrada integral, pão, queijo, etc.

Nosso café da manhã tem sido no quarto. Compramos, no dia anterior, leite, pão, queijo, manteiga, frutas e saímos para, na primeira oportunidade, complementar em algum bar no caminho com chocolate ou café com leite.

Bebemos por dia uns 3 litros de água cada um. Carregamos garrafas pequenas e completamos nas inúmeras fontes de água potável que existem no caminho. Além disso tomamos a bebida Aquarius, isotônico oficial dos jogos olímpicos de Barcelona, vendida em garrafas de 1,5l. Tomamos uma garrafa por dia (durante o percurso e quando chegamos no hotel).

Comemos quase todos os dias o menu do peregrino que existe em todos os restaurantes. Em geral, sopa de legumes, massa, peixe frango ou carne e sobremesa, acompanhado de bastante pão e vinho. São as proteínas e os carboidratos que o nosso corpo necessita para suportar todo o esforço despendido. Tudo muito saboroso a um bom preço, da ordem de 9 euros por pessoa.



Capítulo 9

Sexto Dia

05/05/2010

De Estella a Los Arcos

Distância: 22,47km

Distância percorrida até hoje: 141,16km

Tempo gasto: 5:53h

Temperatura ao sair: 2°C



Sobre Los Arcos

Los Arcos é uma localidade situada na província de Navarra. Tem 57,67km² de área e, em 2016, tinha 1 119 habitantes.

Los Arcos tem sua origem no Império Romano. Originalmente denominada Urancia, a partir do século XII passou a ser chamada pelo seu nome atual, Los Arcos. A sua localização, no Caminho de Santiago de Compostela, deve ter contribuído para o rápido desenvolvimento. Foi também um importante ponto de passagem para o comércio entre Castilla e Navarra.

Nosso percurso

Saímos de Estella às 7:59h com a temperatura de 2°C. Subimos por trilhas, cascalho, muita lama, chuva. Com certeza quando chegamos ao ponto mais alto deste trajeto a temperatura esteve em 0°C. O frio era tanto que passamos a quase não o suportar. Ventava tanto que éramos jogados de um lado para o outro. Tivemos notícia que houve nevasca em cidades próximas.

Passamos pelos Pueblos de Azqueta e Vila Mayor de Monjardin.

Logo na saída de Estella, após caminhar uns três quilômetros, chegamos a uma vinícola onde pudemos degustar, gratuitamente, o vinho ali fabricado. E o vinho saía de uma fonte pública. Uma delícia!

Ao chegarmos a Azqueta, quando procurávamos um bar para tomar um chocolate que nos aquecesse um pouco, deparamos com o famoso Pablito. Ele é uma figura legendária do local, muito falado nos livros que lemos antes da viagem. Ele se parece com um monge, ou um eremita, e é super simpático. Levou-nos à sua casa, pequena como ele, para carimbar o nosso passaporte de peregrino. Surpresa! Em cima de sua mesa havia duas bandeiras do Brasil e, na almofada do carimbo, um adesivo também com a nossa bandeira. Comentamos com alguns peregrinos que estavam no local, no momento, que aqueles eram símbolos de nossa terra. Ao ouvir isso Pablito disse: aqui, ali, e aqui, mostrando por último o seu coração. Deu-nos um bastão de madeira de avelã e vieiras, fabricado por ele. Vieiras são as conchas, o símbolo de Santiago de Compostela, que ele colocou em nossos pescoços, após passar um cordão, medido cuidadosamente de acordo com cada um. Em seguida nos abraçou, beijou e abençoou. Grande figura, essa pessoa que conhecemos.

Reiniciamos o nosso Caminho com uma pequena descida, atravessando uma das inúmeras pontes da região. Em seguida tivemos uma longa e causticante subida, no meio de trigais, vinhas, olivas, mostardas e flores. O vento ora nos empurrava para a frente e ora nos fazia recuar.

Fomos ao banheiro de um bar no alto da montanha, após percorrermos muitos quilômetros de muito barro. Por incrível que pareça, apesar da grande quantidade de peregrinos que usam os banheiros, eles estão sempre muito limpos. E todos os peregrinos estão com botas e as barras das calças imundas, enlameadas como as nossas, e nada se suja no local. Tudo permanece limpo, impecável.

Descemos, subimos, atravessamos rodovias, em busca de novas trilhas, até chegarmos a Los Arcos. Trata-se de um pequeno pueblo, lindo. Casas, igreja de séculos de existência, flores mil, tudo silenciosamente preenchido por espiritualidade. Em todos os lugares sentimos que todos pelos quais passamos permanecem calados, para permitir que a presença de Deus seja o mais importante. Peregrinos, moradores, todos. Esses pueblos, alguns grandes, outros pequenos, foram criados em função dos peregrinos.

Almoçamos, novamente, um “menu del peregrino” delicioso. Toda refeição continua vindo acompanhada de uma garrafa de vinho “joven” do local. O vinho além de delicioso, pode ser levado (o que sobrar), desde que seja em uma garrafa de plástico. Eles reciclam a garrafa do vinho.

É uma questão de fortaleza no caminho: “con pan y vino si hace el camino”. É como um elixir de saúde, todos dizem. Às 20h participamos da missa e bênção dos peregrinos.

“Cuando el camino si pone duro, solo los duros siguen el camino.”



Capítulo 10

Sétimo Dia

06/05/2010

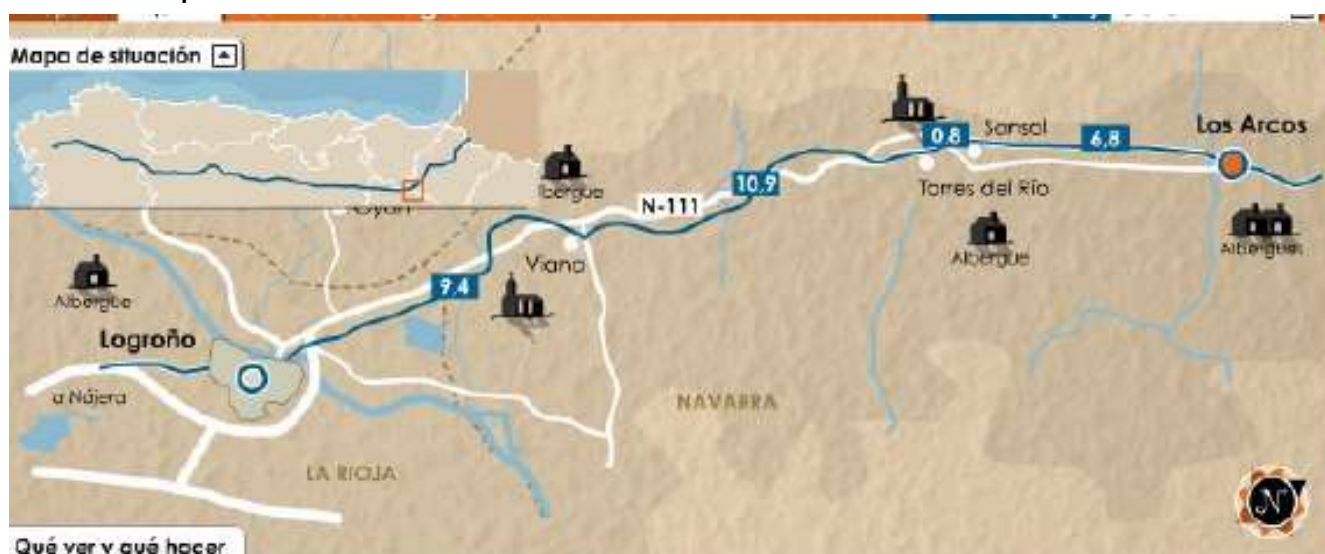
De Los Arcos a Logroño

Distância: 30,71km

Distância percorrida até hoje: 171,87km

Tempo gasto: 7:30h

Temperatura ao sair: 0°C



Sobre Logroño

Logroño, é a capital da província de La Rioja. Tem 79,57 km² de área e, em 2016, tinha 150.876 habitantes.

Logroño é a cidade mais populosa da região, e seu centro financeiro, cultural e de serviços. O rio Ebro atravessa a cidade que tem sido historicamente um lugar onde caminhos se cruzam, como o Caminho de Santiago de Compostela. As fronteiras da cidade também foram disputadas pelos antigos reinos da Península Ibérica durante a Idade Média

Logroño é o principal centro industrial da região e sua importância em relação aos municípios próximos aumentou, graças às indústrias (La Portalada, Cantábria, Cascajos, El Sequero, San Lázaro e El Cortijo). Algumas de suas principais atrações turísticas são o Ebro Park, as pontes sobre o rio, a vista da fachada antiga da cidade, a Igreja gótica de San Bartolomé, do século XIII, e a Igreja de Santiago.

Nosso percurso

Trilhas em barro e pedras no meio de trigais e vinhedos. De um lado o trigo (pão, o corpo de Cristo) do outro a uva (vinho, o sangue de Cristo).

Muito frio, chuva fina e o vento constante. Um vento que nos faz pensar se não seria o sopro de Deus. Os trigais balançam, como se bailassem em círculos, para lá e para cá. Em tudo sentimos a presença de Deus.

Os peregrinos, que são muitos, seguem silenciosamente formando uma enorme fila. Não é possível, na maioria das vezes, ultrapassar aqueles que estão a nossa frente nas trilhas, devido à quantidade de barro. Não se houve uma voz de reclamação, de assombro, de desespero. Todos seguem o caminho com paciência e muitos, como nós, em oração. Hoje rezamos quatro terços. E não é muito, pois o espírito do Caminho é de agradecimento, de graças e de oração.

Passamos por pueblos muito antigos, em geral do século XII ao século XIV. Igrejas e casas belíssimas. Todas de pedras. Ruínas romanas, pessoas simpáticas, cheias de boa fé e muito silêncio.

Torres del Rio, com bonita fonte, bar, armazém. A igreja do Santo Sepulcro do século XII, com planta ortogonal de origem hispano-árabe. Por sua forma se relaciona com os cavaleiros templários. Pagamos 1 Euro para entrar, mas valeu. Tiramos uma foto do teto, com a máquina no chão: bastante original.

A localidade de Viana é linda, histórica e de passado medieval. Palácios, casas antigas em suas vielas. Cidade Jacobeia do século XIV. Vimos a igreja de Santa Maria. Século XV, onde está enterrado César Bórgia, morto na cidade em 1507.

Finalmente Logroño, após trinta quilômetros de caminhada. Quantas dores, quanto desejo de um bom banho e descanso. Barro até a cintura, botas pesadas e a calça da Socorro rasgada do joelho para baixo. Duas calças, quatro agasalhos, gorro, chapéu, luvas, cachecol, tudo encharcado de suor e de chuva. Em um certo momento, para não cair, Edson apoiou em uma planta e sangrou bastante a mão em função dos espinhos existentes. Mas nada desesperador. O espírito do caminho é esse. Estamos para o que der e vier. O importante é chegar. Enfim, sublima-se a dor. “los kilómetros no pesan, lo que pesa es no poder andar”

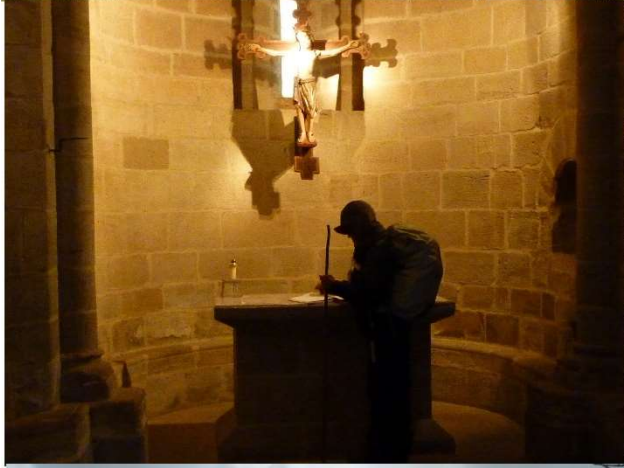
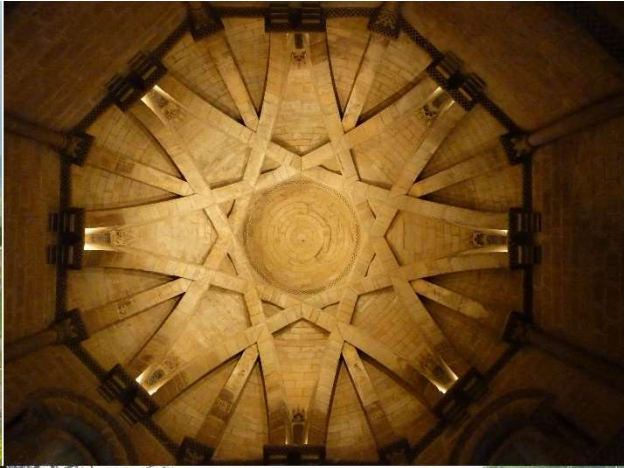
Logroño é especial. Logo na chegada, a filha de Felícia, (uma famosa anciã que até os 96 anos de vida, quando faleceu, recebia a todos os peregrinos que chegavam na cidade com biscoitos e alegria) carimbou o nosso passaporte de peregrino e nos deu boas-vindas. Mas ainda faltavam três quilômetros. Quanta luta para chegar!

Logroño conserva o patrimônio da época jacobea, mas tem de tudo. Povo lindo, bem vestido, cidade impecável. Mas de cem mil habitantes. Tudo fechado até às 17 horas em obediência à “siesta”. Cidade vazia. Após o final da siesta, agito total.

Muitas dores nas costas e no braço que segura o bastão, de ambos, e a Socorro com dores no Joelho direito e no pé esquerdo. Mas nada que um bom banho e um descanso não cure. De manhã será um novo dia: tudo recomeça...

Os e-mails que temos recebido nos trazem muito conforto. Agradecemos a todos e pedimos que rezem por nós, pois precisamos de forças espirituais para seguirmos em frente.

Participamos da missa das vinte horas na igreja de Santa Maria del Palacio, século XI e XII. Ficamos tristes com um fato ocorrido na nossa chegada à cidade. Em uma linda ponte sobre o Rio, bem na entrada de Logroño, a casa de recepção ao peregrino informava que não havia mais lugar nos albergues. Uma grande procissão de peregrinos chegava, após trinta quilômetros de frio, chuva lama e cansaço, e eles não sabiam onde dormiriam. Graças a Deus nós tínhamos hotel reservado, onde as estrelas éramos somente nós mesmos. Teríamos cama, água quente e cobertor. Dei graças a Deus e pedi a Deus para que todos os peregrinos tivessem encontrado algum lugar. Ontem percorremos muitos quilômetros na companhia de oito brasileiros que pretendiam dormir em algum albergue em Logroño. Devem ter passado por dificuldades.



Capítulo 11

Oitavo Dia

07/05/2010

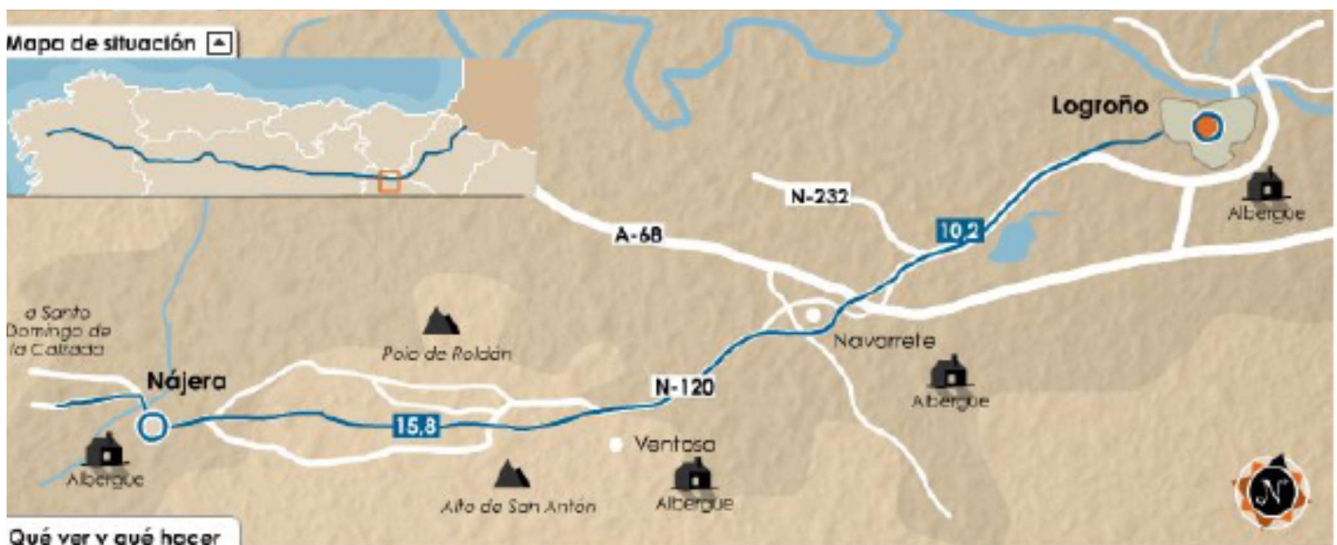
De Logroño a Nájera

Distância: 31,41km

Distância percorrida até hoje: 203,28km

Tempo gasto: 7:10h

Temperatura ao sair: 6,5°C



Sobre Nájera

Nájera, uma cidade pequena, antiga capital do Reino de Navarra com 37,44 km² de área e, em 2018, tinha 8.047 habitantes.

A região de Nájera atraiu os romanos, que construíram uma cidade denominada Tritium, em terrenos que agora estão dentro dos limites de Nájera. Posteriormente, a área esteve sob domínio muçulmano e o nome Nájera (Naxara significa "cidade entre as rochas") é de origem árabe.

A cidade é dividida pelo rio Najerilla e abriga em uma de suas margens o mosteiro de Santa Maria La Real. Erguido no ano de 1.032, passou por inúmeras reformas no século XV. Sua aparência exterior é como uma fortaleza e contrasta com a beleza ornamental do Claustro dos Cavaleiros. A igreja abriga um magnífico trabalho de escultura no coro, um retábulo principal brilhante com a imagem românica da cabeça do templo, o Panteão Real, com tumbas de cerca de trinta monarcas, o mausoléu dos duques de Nájera e, na cripta, a caverna onde a Virgem teria aparecido ao rei Don García, que ordenou a construção do local.

Nosso percurso

Saímos de Logroño próximo das 8 horas, pois costumamos a encontrar um café aberto para fazer o nosso “desayuno”. Com o frio e a chuva o tempo estava muito escuro e, certamente, os espanhóis aproveitavam para descansar mais.

Quando pegamos o caminho, porém, o céu estava limpo e o sol ameaçava sair.

Esta é a região das vinhas da província de La Rioja. Após quilômetros dentro da cidade e no Parque da Grajera (onde o caminho é também uma pista de “cooper”), chegamos às trilhas que entremeiam os vinhedos. São quilômetros e quilômetros. Em muitas das trilhas os vinhedos são compartilhados com trigais lindíssimos. As trilhas são muito escorregadias e, em função disto, perigosas. Temos que usar o bastão firmemente no chão para não cairmos. Nossas botas e calças estão em estado lastimável.

Passamos por Navarrete, um belo pueblo riojano (da província de La Rioja), onde há água potável e bar. Nos próximos 16 quilômetros não havia previsão para nada, de acordo com o guia que trazíamos na mochila. Assim tivemos que tomar o nosso já tradicional leite com chocolate (para esquentar) e comer o kit de cereais e frutas secas que trouxemos.

O frio foi aumentando à medida que subíamos. Chegamos a 654m de altitude. Se saímos de Logroño com a temperatura de 6,5°C, a essa altura deveríamos estar, novamente, próximos de 0°C, pois começamos a sentir as pálpebras e o nariz adormecidos.

A chuva fina e fria nos acompanhou até Nájera. E parecia que não iríamos chegar nunca. Uma forte dor no pé esquerdo, que a Socorro já sentia há dois dias, foi também para os dedos e ela pisava com dificuldade. Só o bastão dava condições para seguir em frente. E nem comprimidos de Dorflex e o bálsamo Calminex estavam resolvendo as dores que sentíamos nas costas.

Hoje só encontramos dois brasileiros, um de Curitiba e outro de São Paulo. Ambos muito simpáticos, sendo que o de São Paulo era ciclista e nos acompanhou conversando por um bom tempo nas ladeiras de barro do Caminho. As pessoas, em geral, nos acolhem com muito carinho e somos agradecidos a Deus por isso.



Capítulo 12

Nono Dia

08/05/2010

De Nájera a S. Domingo de la Calzada

Distância: 21,31km

Distância percorrida até hoje: 224,59km

Tempo gasto: 5:10h

Temperatura ao sair: 10°C



Sobre S. Domingo de la Calzada

S. Domingo de la Calzada é um município da província de La Rioja, com área 40,09 km² que tinha, em 2007, uma população de 6.537 habitantes.

Trata-se de uma das cidades da província de La Rioja mais profundamente marcada pelo Caminho de Santiago. Sua rede de ruas medievais, declarada Patrimônio Histórico Nacional, abriga um patrimônio valioso no qual se destacam suas muralhas, a Catedral e o antigo Hospital de Peregrinos. A gastronomia de La Rioja, e especialmente os famosos vinhos, são algumas das atrações que a região oferece.

São Domingo fundou esta cidade no ano 1.044 para ajudar os peregrinos que viajavam, no final da Idade Média, para Santiago de Compostela. Ele construiu uma ponte, construiu um albergue, um hospital e um eremitério (abrigo de eremitas), que foi a origem da cidade. O eremitério primitivo tornou-se uma igreja sob o patrocínio do santo, para depois se consagrar como catedral.

Este templo, localizado na central Plaza del Santo, foi iniciado no ano de 1158 no estilo gótico, embora tenha elementos de origem românica, como porta e abside. Além das capelas, do coro ou do claustro, destaca-se um galinheiro entre seus aposentos, que lembra um evento milagroso que ocorreu nessas terras. O ditado "Santo Domingo de la

Calzada, a galinha cantada após assar" se refere ao milagre pelo qual um galo e uma galinha foram revividos para provar a inocência de um jovem enforcado injustamente, que sobreviveu à sentença.

Em frente à catedral fica o antigo Hospital de Peregrinos, hoje Parador de Turismo. Sua estrutura original, do século XII, foi construída por Santo Domingo para receber peregrinos a caminho da capital de Compostela.

Nosso percurso

Campos de cereais a perder de vista. Os trigais seguem bailando, pois o vento é constante e fortíssimo. Leva-nos para onde ele quer. É preciso força no bastão (cajado) para ficar firme no chão. Hoje o barro veio até os joelhos. As botas prendiam de tal forma no chão que pensávamos não conseguir sair. Foi pior que os outros dias. Chuva fina, dessas que não terminam nunca. Rezamos muito e pedimos a Deus coragem. À Santiago pedimos forças e sua companhia: e ele tem seguido conosco. Passamos por Azofra (século XII), um povoado lindo e hospitaleiro, pela Igreja de N. S. de los Angeles onde assistimos uma linda missa, Cirueña (de passagem) e, finalmente, Santo Domingo de la Calzada. A cidade é belíssima, um primor. Lindas casas, muitas flores nas janelas, calçadas de pedras rosas enormes. Na chegada nos deparamos com uma procissão de jovens que levavam uma enorme cruz (deitada) até a catedral del Salvador, século XII. Uma banda de música os esperava e seguimos com eles em procissão. Foi lindo! Os jovens estavam em processo de preparação para a Jornada Mundial da Juventude que irá ocorrer em 2011, em Madrid. Na catedral del Salvador se encontra o sepulcro de Santo Domingo de la Calzada. Este santo, um nativo, dedicou sua vida a facilitar o Caminho dos peregrinos, que seguiam a Santiago de Compostela, construindo pontes, igreja, hospitais e uma imensa ponte. A cidade tem um comércio intenso e variado. Assistimos a missa na Catedral, celebrada pelo secretário da congregação no Vaticano. O coral foi de arrepiar. Como rezamos...



Capítulo 13

Décimo Dia

09/05/2010

De S. Domingo de la Calzada a Belorado

Distância: 24,54km

Distância percorrida até hoje: 249,13km

Tempo gasto: 5:50h

Temperatura ao sair: Muito frio – Esquecemos de medi-la



Sobre Belorado

Belorado é uma localidade da província de Burgos, com área 133,41 km² que, tinha, em 2019, uma população de 1.781 habitantes.

A origem celta de Belorado ocorreu na Idade Média, quando era conhecida como "Belforatus", que significa "belo buraco". Atualmente, esta cidade é popular por seu patrimônio arqueológico e sua variada paisagem natural marcada pelo rio Tirón.

Embora atualmente apenas restos estejam preservados, em Belorado houve uma fortificação muito importante durante os séculos X e XII. Este edifício foi feito de gesso e glauberita. Apesar de seu grande valor histórico, o duque de Frías o demoliu para evitar possíveis deslizamentos de terra depois de estar em ruínas por alguns anos.

Belorado é uma cidade com muitos monumentos e lugares importantes. Existem diversos edifícios religiosos, como a Igreja de San Pedro que faz parte do período gótico. Ela foi amplamente remodelada nos séculos posteriores e, dessa forma, combina elementos de séculos diferentes, tanto em sua estrutura quanto em seu interior, onde se destacam o retábulo e o órgão barroco. Existe também, a igreja de Belém, de origem medieval, cuja estrutura foi reedificada nos séculos XVIII e XX, a igreja de Santa Maria,

de origem renascentista, no sopé do “Cerro del Castillo” e a igreja renascentista de San Nicolás, aonde existem apenas algumas paredes ao lado da torre do relógio.

Além disso existem as Minas de Pinas de Villafranca, minas de manganês que foram exploradas de 1.799 a 1.965 e são consideradas as mais antigas da Espanha.

Nosso percurso

Tomamos café no quarto (feito por nós), e partimos bem cedo, debaixo de chuva e frio, para variar. Até o europeu anda assustado com tanta chuva, frio e neve, fora do tempo. As trilhas de hoje, apesar de consideradas pelo guia como normais, foram de subidas e descidas constantes. A altitude máxima superou os oitocentos metros. Ainda com bastante barro, muitas dificuldades, mas conseguimos superar, apesar das dores nas costas, a que mais nos incomoda, e nos pés. Fizemos hoje menos paradas do que deveríamos ter feito, e isso não foi bom. Deu para sentir...

Passamos por paisagens belíssimas (lugar comum), campos de trigo, uva e mostarda. A plantação de mostarda é apaixonante, toda florida com sua flor amarela. Quilômetros e quilômetros de trigais, que subiam e desciam os morros. É de aquecer o olhar, o coração e a vida: algo inesquecível. Só Deus mesmo...

Subimos e descemos várias vezes e quando chegamos a altitude de setecentos e cinquenta e dois metros, tivemos uma bela visão de diversos montes cobertos de neve. Emocionante!

Peregrinos passam ou nós passamos por eles: “buen camino”! Todos dizem. Que bom seria falar as línguas de todas as pessoas que deparamos no Caminho, para troca de experiências.

Passamos pelos povoados de Grañon (simpático, puramente jacobeu), logo após penetramos na província de Burgos. O primeiro povoado foi Redencilla del Camino. Em seguida, Castildelgado, lindo. No quilômetro quatorze e meio, o pueblo Vitória, onde nasceu Santo Domingo de la Calzada. Enfim chegamos a Belorado, onde à noite participamos de mais uma missa do peregrino.



Capítulo 14

Décimo Primeiro Dia

10/05/2010

De Belorado a San Juan de Ortega

Distância: 24,29km

Distância percorrida até hoje: 273,42km

Tempo gasto: 6:20h



Sobre San Juan de Ortega

San Juan de Ortega é uma localidade muito pequena da província de Burgos, que contava, em 2010, com uma população de apenas 28 habitantes.

O nome da localidade é uma homenagem ao santo que colaborou estreitamente com seu amigo e companheiro, Santo Domingo de la Calzada, na abertura de rotas que ajudariam os peregrinos em sua peregrinação pela região. Ele foi também responsável pela construção do mosteiro de San Juan de Ortega.

Apesar de seu pequeno tamanho, esta vila localizada na região de Sierra de la Demanda possui um notável conjunto patrimonial, no qual se destaca a igreja tripla de abside do santuário. Diz-se que ela teria sido construída de acordo com os planos que o próprio São Tiago Apóstolo projetou. O templo é um claro exemplo de arte e estilo românico do final do século XIII e que foi expandido no século XIV sob o estilo gótico predominante na época. Em seu interior existe a representação de várias cenas do nascimento de Jesus. A sua escultura é requintada e a execução da obra é incomparável, mas o que mais impressiona é o chamado "milagre da luz". Trata-se de um fenômeno quase esotérico, que combina misticismo e beleza em partes iguais. Esse fenômeno ocorre apenas durante o equinócio da primavera e do outono e no qual um único raio

do sol poente atinge e ilumina a representação da Virgem da Anunciação, em um evento maravilhoso que atrai peregrinos de todo o mundo.

Nosso percurso

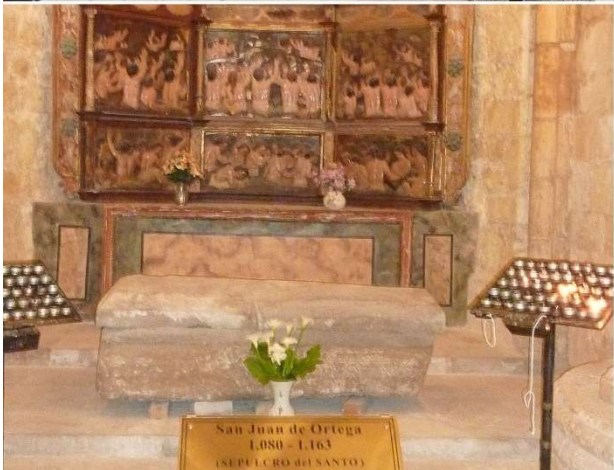
Pela primeira vez tivemos sol durante toda a jornada. Porém, acompanhado de um forte vento gelado nos empurrando para trás e levando o nosso chapéu.

Passamos por diversos caminhos, dessa vez com pouco barro. Percorremos três quilômetros de forte subida, de 770 a 1.160 metros, no alto dos Montes de Oca, de onde vimos diversos montes nevados.

O frio era arrebatador. Neste local andamos no topo do monte por uns nove quilômetros dentro de uma floresta linda. De um lado pinheiros e do outro lado árvores ainda secas, ainda a esperar pela primavera que ainda não apareceu por aqui.

Chegamos a S. Juan de Ortega às 13:15h, um povoado de apenas vinte e oito habitantes fixos, que vivem neste local onde morreu e está enterrado o santo que dá o nome ao povoado. Este pueblo possui uma linda igreja de pedras claras, construída no século XII e expandida por Isabel, a católica, no século XV. A igreja possui três lindos sinos na torre (algo raro) e o seu interior é muito frio. Hoje, por sorte nossa, houve missa e bênção dos peregrinos, às 18 horas, enquanto o frio era ainda suportável. O pueblo possui somente um hotel, onde nos hospedamos, e um albergue. Tudo estava lotado, o que obrigou diversos peregrinos a seguir para o pueblo seguinte, uns seis quilômetros à frente.

Algumas curiosidades do Caminho: Até o momento não vimos nas ruas nenhum mendigo, nenhum “sem teto”, nenhuma criança parecendo abandonada. Não vimos lixo nem sujeira nas ruas nem nas estradas caminhos e trilhas. Nos bares na estrada, por mais simples que sejam, os banheiros estão sempre limpos. Em geral, nos bares hotéis e restaurantes, quem trabalha é a família. Os hotéis que têm vários andares não dispõem de elevadores, o que para quem acabou de caminhar por tantas horas se torna complicado. Fumar é permitido em todos os locais, fechados ou abertos, o que chega às vezes a nos incomodar. Somente no hotel de San Juan de Ortega não é permitido fumar.



Capítulo 15

Décimo Segundo Dia

11/05/2010

De San Juan de Ortega a Burgos

Distância: 27,72km

Distância percorrida até hoje: 301,14km

Tempo gasto: 6:44h

Temperatura ao sair: 5°C



Sobre Burgos

Burgos é a capital da província de Burgos, situada na Comunidade Autónoma de Castilla e León. A área da cidade é de 108 km² e contava, em 2016, com uma população de 176.608 habitantes.

Burgos preserva importantes vestígios de seu esplendor medieval, tendo sido capital do reino unificado de Castilla e León por cinco séculos. A cidade possui uma das principais obras do gótico espanhol, sendo sua catedral declarada Patrimônio da Humanidade.

Ao pé do murado do Cerro del Castillo, de cujas ruínas se tem uma das melhores perspectivas da cidade, o antigo bairro medieval se desenrola. Os destaques aqui incluem o Arco de San Esteban, estilo mudéjar, e a igreja gótica de mesmo nome, que abriga o Museu do Retábulo. Outro templo importante é o de San Nicolás, onde se contempla um magnífico retábulo de alabastro policromado. O edifício principal da arquitetura de Burgos é sua Catedral, construída em estilo românico.

Nosso percurso

O Caminho de Santiago não é solitário, caminha-se com Deus.

Hoje saímos bem mais cedo, pois acordamos às quatro horas. Estávamos com um frio de 5°C e talvez isto esteja interferindo.

Às 6:32h já estávamos no Caminho. O dia estava escuro e não havia viva alma no local. Embrenhamos na mesma floresta do dia anterior até chegarmos a Agés, um pueblo a quatro quilômetros de distância. Somente em Agés encontramos os primeiros peregrinos neste dia, peregrinos estes que haviam dormido neste pueblo, por não terem conseguido vaga em S. J. De Ortega. De lá seguimos por uma estrada asfaltada até Atapuerca, um importante sitio arqueológico, onde finalmente tomamos o nosso “desayuno” após caminharmos cerca de seis quilômetros e meio.

Penetramos, então, em um caminho ao lado de uma fazenda com um enorme rebanho de ovelhas, lindas, com dezenas ou centenas de cabeças. Daí começamos uma subida bastante perigosa. A subida levou aproximadamente três quilômetros. Esse trecho nos lembrou muito a Serra do Cipó. Chegamos a quase 1.200 metros de altitude. A partir daí começamos a descer, também sobre um piso de pedra, por uma larga distância, passando por vários pueblos e sentindo bastante frio. Não choveu, e ventou pouco, mas fez tanto frio que este foi o dia em que menos suamos. Nos outros dias, quando chegávamos ao hotel, as peças que usávamos abaixo da roupa impermeável, estavam tão molhadas que dava para torcê-las.

Depois fizemos um longo percurso atrás do aeroporto de Burgos, um trecho isolado, sem cenários bonitos, e muito cansativo. Atravessamos a “carretera” e tomamos a beira do Rio Arlanzón por seis quilômetros, passando por um lindo parque onde uma enorme quantidade de pessoas (a maioria idosos) fazia caminhada.

Burgos é uma cidade linda, muito desenvolvida, com uma enorme quantidade de construções históricas e maravilhosas. Sua catedral gótica, de Santa Maria, é classificada como patrimônio da humanidade. É difícil contar o número de torres que a catedral possui, e o seu interior é deslumbrante. Quem bate o relógio das horas é o famoso papamoscas, um boneco em forma de homem que abre a boca quando bate o sino. Assistimos a missa às 19:30h e recebemos uma benção especial para os peregrinos.

Ao final da jornada estávamos muito cansados, com dores nas costas e muito stress físico. Foi um dia muito duro.



Capítulo 16

Décimo Terceiro Dia

12/05/2010

De Burgos a Castrojeriz

Distância: 41,46km

Distância percorrida até hoje: 342,6km

Tempo gasto: 10:30h

Temperatura ao sair: 4°C



Sobre Castrojeriz

Castrojeriz, ou Castro Xeriz, é uma localidade da província de Burgos de área 105 km² que tinha em 2007 uma população de 883 habitantes.

A origem de Castrojeriz é incerta. O que se sabe é que Castrojeriz teve o seu início no topo da colina onde fica o castelo, e que recebe o apelido de Castro. A cerâmica apareceu na superfície e as escavações no topo da colina mostram que havia uma cidade na Idade do Bronze, da época de 1.500AC. A pacificação da Espanha alcançada por Cesar Augusto deu lugar a uma romanização lenta, mas positiva, que contribuiu para a colonização das tribos, tornando-se uma sociedade dedicada à agricultura e pecuária. Com a chegada dos povos germânicos, o poder romano foi substituído pelos visigodos e depois pelos árabes, ocupando essa parte do platô. Castrojeriz desempenhou um papel importante nas primeiras tentativas de reconquista e repovoamento dos reis asturianos.

Nosso Percurso

Saímos de Burgos com uma temperatura de 4°C. Frio, chuva fina e escuro. Logo que deixamos o hotel nos assustamos com a quantidade de peregrinos com os quais cruzamos. Centenas... Apesar da escuridão dava para perceber as diversas nacionalidades. Caminhamos alguns quilômetros dentro da cidade, passando pela

Universidade de Burgos (que é imensa), até pegar um caminho de terra bem lamacento. Passamos por diversas pontes e, em uma delas, nos lembramos do Henrique, nosso filho, que quando criança adorava caçar caranguejos. Nessa ponte havia um aviso que se podia pescar caranguejos. É interessante dizer que em todos os rios que atravessamos se consegue ver o fundo e os pequenos peixes que lá habitam. Tudo limpo e transparente.

Subimos vários quilômetros a partir de Rabé de la Calzada até chegarmos à altitude de 940 metros. Em seguida descemos até Hormillos del Camino. Seguimos em direção a Hontanas, subindo novamente, com chuva e sol, bastante frio e lama.

Hoje a saudade dos nossos três filhos bateu bem forte. Das meninas lembramos o tempo todo quando vemos as flores e paisagens. Dos netos nos lembramos muito quando vemos os parques (com brinquedos diferentes e sempre disponíveis, pois é muito difícil se ver uma criança na rua). As igrejas continuam em todos os cenários: grandes, de pedras claras, dominando as paisagens.

Cada vez mais nos impressionamos com a limpeza dos pueblos e cidades.

Suamos para chegar a Hontanas. Subidas muito fortes, muitas pedras e barro (sempre o barro). Andamos muitos quilômetros em uma “meseta” (platô), muito linda, cheia de trigais. Foi bastante cansativo. Todos os peregrinos em silencio, provavelmente em oração. Hontanas é linda. Cidade medieval tão conservada, que parece estar pronta para ser cenário de um filme de época. Eram três da tarde quando chegamos. Resolvemos pedir um “menu del peregrino” para matar a fome lá mesmo, pois quando chegássemos a Castrojeriz não haveria mais almoço, pois às 15h todos os restaurantes fecham as portas para a siesta. Dividimos um prato para não enchermos muito o estômago, pois caminharíamos ainda cerca de 10 quilômetros para chegar ao nosso destino e completarmos a distância prevista de 41 quilômetros. Foi ótimo. Recobramos as forças e nos arrastamos até o hotel, que não chegava nunca.

O caminho final foi belíssimo. Árvores de um lado e de outro do caminho, que desta vez era de asfalto, formando túneis, com chuva o tempo todo.

Há três quilômetros da cidade de Castrojeriz nos deparamos com as ruínas do Convento de San Antón (século XIV), que foi destruído por um incêndio, e que hoje se transformou, na parte que restou, em um albergue de peregrinos.

Ao longe, logo depois, vimos a Colegiata de Santa Maria del Manzano (século XII), com as suas quatro naves, toda em pedra, linda, enorme e majestosa. Ao fundo, a igreja de São João Batista, século XIV, no mesmo estilo.

Chegamos ao hotel às 18 horas destruídos pelo cansaço e pelas dores. Tomamos banho, como sempre, de imersão na banheira, com o “alcohol del romero”, vinagre e sal. Isso nos ajudava nas dores assim como alisava a superfície dos pés, evitando o aparecimento de bolhas. Fizemos o procedimento ritual diário (lavar as roupas, torcê-las nas toalhas e colocar para secar). Em seguida fomos “ceñar” (almoçar, na verdade),

às 19:30h. Como o hotel não dispunha de internet e não encontramos forças para procurar algum cybercafé na cidade, fomos dormir.

Apesar do cansaço, felizes por termos conseguido completar os mais de 41 quilômetros, distância que devemos repetir em outros quatro trechos neste Caminho.

Uma das fotos que tiramos mostra um fila de mochilas na porta de um bar. Era assim em todas as paradas. Todos as deixavam do lado de fora do bar (Não haveria espaço para as mochilas lá dentro), com tudo que dispunham para seguir o Caminho. Sem nenhuma preocupação. Assim também fazíamos, sempre. Nada desaparecia...



Capítulo 17

Décimo Quarto Dia

13/05/2010

De Castrojeriz a Frómista

Distância: 26,17km

Distância percorrida até hoje: 368,77km

Tempo gasto: 04:55h

Temperatura ao sair: 4°C



Sobre Frómista

Frómista é uma localidade da província de Palência, com área 49,59 km² e que tinha, em 2007, uma população de 838 habitantes.

Frómista é o principal local em estilo românico da província de Palência. Igrejas, como as de San Pedro e Santa Maria, assim como o eremitério de Santiago e sua imagem da Virgen del Otero, fazem parte da oferta cultural da cidade. Mas a principal atração de Frómista é a igreja de San Martín, uma obra de arte concebida como uma imagem. Este templo, fundado no ano de 1.035, destaca-se pela pureza de suas linhas e pelo perfeito equilíbrio entre a arquitetura e a rica decoração. O esplendor de luzes, cores e linhas são características da arte românica jacobina. Sua construção foi inspirada na Catedral de Jaca, com a qual comparte seu estilo. Junto com a catedral aragonesa, a Catedral de Santiago de Compostela e a Basílica de San Isidoro de León, este templo de Frómista representa o auge da arquitetura românica espanhola do séc. XI.

A dois quilômetros do centro da cidade, há a fonte Pozomingo, na qual foram descobertos vestígios do que poderia ter sido Frómista na época romana, antes da ocupação árabe.

Nosso percurso

Como ontem chegamos muito tarde, estávamos bastante cansados, chovia e fazia 4°C, resolvemos sair um pouco mais tarde. Saímos às 8h.

Assim que deixamos a cidade (de estilo visigodo que em 1.131 o rei castelhano Alfonso VII reconquistou para o cristianismo) pegamos um caminho de terra, andando sob chuva e o frio, ainda de 4°C, por uns quarenta minutos. Em seguida subimos um morro de uns cento e vinte metros de altura em uma distância de um quilômetro, o que equivale a subir quase a altura de um prédio de 40 andares. Do topo vimos uma paisagem deslumbrante: campos de trigo, alfafa (que depois será transformada em feno para o gado) e pinheiros. Vimos diversos pueblos e fazendas ao longe. Andamos uns dois quilômetros e começamos uma dura descida perigosíssima em um caminho repleto de barro.

De repente vimos alguns peregrinos parados em frente a uma placa (havia muitos deles antes e depois de nós) e paramos também. Que tristeza! Outubro do ano passado um peregrino italiano falecera naquele local. Era a segunda vez que deparávamos com isto. Vê-se que é um duro caminho e que é necessário se fazer um check-up preventivo antes de inicia-lo (nós o fizemos).

Paramos várias vezes para descansar, tirar a mochila e tomar algo quente, pois naquela hora o frio estava por volta de -1°C conforme fomos informados posteriormente. Saímos, então, da província de Burgos e entramos na província de Palência, ainda na comunidade de Castilla e León. Nesta hora não estávamos mais sentindo os nossos pés, orelhas, nariz e mãos. Estava assustador. E a chuva não parava.

A divisa entre as duas províncias é uma linda ponte medieval na localidade de Itero de la Vega. Existe ali um albergue (ainda em Burgos) chamado San Nicolás, que somente permanece aberto no verão e na primavera.

Chegamos a Boadilla del Camino onde conversamos com o dono de um albergue e Bar, que foi casado com uma moça de Lagoa Santa. Falava um bom portunhol. O albergue dele é de muito bom gosto com decoração belíssima.

Faltando uns 5 quilômetros para chegar a Frómista percorremos uma linda estrada ao lado do canal de Galícia (canal artificial enorme). Chegamos a Frómista após atravessar uma ponte sobre uma eclusa do canal.

Frómista também cresceu graças ao Caminho. Sua população era romana, chamada Frumesta, e na época visigoda teve um certo auge durante o domínio muçulmano.

As Igrejas de San Martin do século XI e de Santa Maria del Castillo do século XVI em estilo gótico, e as ruínas do monastério dos Beneditinos do século XVII são imperdíveis.

Nosso hotel (Hostal del Camino), era muito simples, uma estrela, localizado em frente à igreja gótica San Pedro, séc. XVI. Nesse hotel, que como todos os outros era

impecável na limpeza, tivemos um tratamento especial dado pela “Señora” Mila. Como sempre, puro encantamento! E a chuva não parou...



Capítulo 18

Décimo Quinto Dia

14/05/2010

De Frómista a Carrión de los Condes

Distância: 20,79km

Distância percorrida até hoje: 389,56km

Tempo gasto: 05:55h

Temperatura ao sair: 3°C



Sobre Carrión de los Condes

Carrión de los Condes é um município da província de Palência, de área 63,37 km² que tinha, em 2007, uma população de 2.312 habitantes.

O edifício mais representativo de Carrión de los Condes é a igreja de Santiago, famosa por seu esplêndido Cristo em Majestade ou Pantocrator. Também importantes são o friso da igreja de Santa María del Camino, embelezada com uma Adoração dos Magos, e o convento de Santa Clara, fundado no século XIII, com uma igreja e museu anexos, onde são exibidos esculturas e ornamentos, além de uma Pietá de Gregorio Fernández. Nos arredores da cidade, perto da ponte medieval, fica o mosteiro de San Zoilo, um antigo refúgio de peregrinos iniciado no século 10, onde se destaca o claustro renascentista, uma verdadeira maravilha de ornamentação e técnica devido a Juan de Badajoz.

Nosso percurso

Várias das pessoas que encontramos no início desta peregrinação, deixamos de ver. Algumas percorreram apenas parte do caminho, pois voltam em outras épocas para percorrer uma nova parte a cada vez. Alguns peregrinos mandam as mochilas pelo

correio ou por vans, em um serviço de transporte que existe ao longo de todo o Caminho. Depois recebem seus pertences nos hotéis ou albergues indicados. Alguns usam carrinhos (de duas rodas que são puxadas por presilhas presas na cintura), o que às vezes é difícil, pois em muitos trechos o barro é alto, ou as pedras são grandes, ou mesmo a trilha é muito estreita. Existem, portanto, várias opções para quem tem dificuldades para fazer o Caminho.

O nosso percurso, chamado Caminho Francês, tem da ordem de 800 quilômetros (se Deus quiser vamos completá-lo). Mas, existem diversos outros, com outros comprimentos. A cada dia enfrentamos um desafio e uma conquista. Acordamos de madrugada e levamos mais ou menos uma hora para nos aprontar para a saída. Arrumar as mochilas (elas são desmanchadas em cada hotel, quando chegamos), curativos nos pés, faixas, alcohol del Romero, pomada para dor, algodão no calcanhar, e alongamento.

Saímos de Frómista com a temperatura de 3°C, mas em pouco tempo estávamos sob uma temperatura próxima de 0°C. Um frio intenso: as plantas estavam cobertas de gelo, não sentíamos, novamente, nossas orelhas, nariz e mãos (mesmo com luvas). Estávamos com dificuldades para falar e ofegantes. Rezamos com dificuldade, mas rezamos.

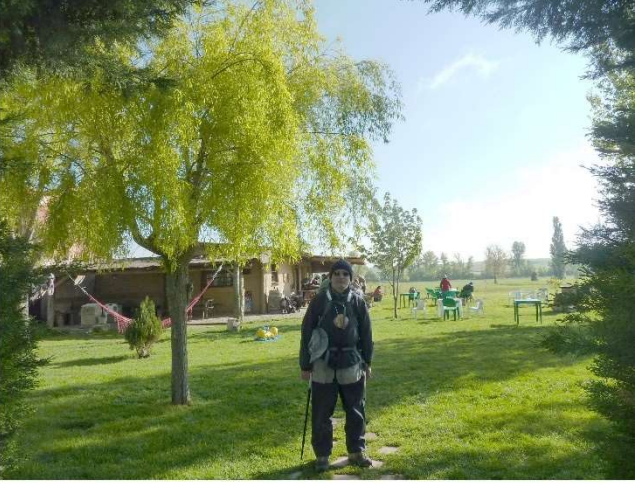
Percorremos uma senda (caminho) em cascalho, paralelo à uma estrada asfaltada e, como sempre, subindo e descendo (parece sempre que subimos mais que descemos). Passamos por Población de Campos no quilômetro 4, um povoado modesto, mas como sempre, limpo e conservado. Em seguida, Ravenga de Campos no quilômetro sete e meio, Villamento de Campos no quilômetro nove e meio, e Villacazar de Sirga (sec. XIII), fundada pelos templários. Neste pueblo vimos a igreja de Santa Maria de La Blanca (sec. XIII).

Em seguida chegamos a Carrión de los Condes, uma cidade encantadora. Vimos a igreja de Santa María Del Camino (sec. XII) a igreja de Santiago (sec. XI) e o Monastério de S. Zoilo (sec. X) fundada pelos Beneditinos, e hoje transformado em um hotel de 3 estrelas.

Durante o caminho muito frio, porém sem chuva. Participamos de uma linda missa às 20h na igreja de Santa María del Camino, onde ao final o padre, muito cativante e simpático, convidou os peregrinos a irem à frente. Quase toda a igreja atendeu a seu convite e recebemos uma belíssima bênção do peregrino em diversas línguas. O padre entregou, a cada um, a letra de uma canção que ele compôs, colocou uma gravação e nos fez cantar com ele. Esta música não sai de nossas cabeças. O nome do padre é José Aumente e a canção se chama Camino de Santiago. Na leitura em português tivemos a honra de fazê-lo em alto e bom tom. Foi tudo muito lindo.

Para dormir o tempo que necessitamos sempre deitamos antes das 22 horas. Precisamos lacrar as janelas pois ainda é dia.

E a saudade dos filhotes só aumenta...



Capítulo 19

Décimo Sexto Dia

15/05/2010

De Carrión de los Condes a Sahagún

Distância: 41,41km

Distância percorrida até hoje: 430,97km

Tempo gasto: 10:55h

Temperatura ao sair: 4°C



Sobre Sahagún

Sahagún é um município da província de León, de área 123,64 km² que tinha, em 2018, uma população de 2.517 habitantes.

Sahagún é uma cidade histórica que se estende por um monte suave e cujo centro principal, a Plaza Mayor, que ainda possui sua estrutura de arcada. Em suas ruas, você pode ver algumas casas em enxaimel (provavelmente a origem do “pau a pique” que conhecemos bem), e casas com rebocos de palha e barro. Entre sua herança artística de um passado próspero, destaca-se o mosteiro de “San Benito el Real” (São Bento), do qual hoje resta apenas um arco neoclássico, as igrejas de San Tirso e San Lorenzo, em estilo mourisco dos séculos XII e XIII respectivamente, o convento dos beneditinos, que hoje é museu de Sahagún, e, nos arredores da cidade, o Santuário da Peregrina.

Nosso percurso

Tomamos café às 6:30h em um bar (bar aqui quer dizer cafeteria, lanchonete, bar, e às vezes restaurante, também).

Hoje foi um dia muito longo. A maioria dos guias do caminho indica dois dias para fazê-lo. O primeiro trecho, que corresponderia ao primeiro dia, tem aproximadamente

dezessete quilômetros e é quase todo em uma original via Aquitana. Esse trecho é muito difícil, pois não existe nenhum ponto de apoio em toda a sua extensão (banheiro, bar), e com isto foi bastante exaustivo. Tivemos que, como aliás todos peregrinos (havia certamente mais de cem peregrinos à nossa vista), improvisar o banheiro em um mato (raro neste trecho). O frio e a quantidade de água que ingeríamos também faziam a nossa bexiga funcionar mais.

Desde o dia anterior a paisagem é praticamente a mesma. São campos (por isto os pueblos costumam ter a palavra Campos em seu nome) plantados, quase sempre trigo, de um lado e do outro, com subidas e descidas disfarçadas, sem alteração no visual.

Ao final deste trecho chegamos a Calzadilla de la Cueva (aleluia! lá havia um bar com banheiros e tudo), onde vimos um antigo hospital de peregrinos (hospedaria) mantido pela ordem de Santiago. Lanchamos, alongamos os nossos músculos e seguimos até Ledigos, no quilômetro vinte e três e meio, um pueblo fundado em 1.028.

O Caminho continuou pelos campos, com subidas e descidas um pouco mais acentuadas e cansativas. Estávamos já exaustos e com dores nas costas e nos pés, e ainda faltava muito chão a ser percorrido. Chegamos então a Terradillos de los Templários, local famoso por ter sido um local onde vivam os templários. Lá existe um lindíssimo albergue com este nome. Neste local, em uma área de repouso, começamos a rezar a Via Sacra.

Continuamos pelos campos desertos (de pessoas, pois a maior parte dos peregrinos que saiu conosco já tinha se arrumado em algum albergue ou hostel pelo caminho) quando de repente fomos abordados por três mulheres com um álbum de fotos procurando um perro (cachorro) perdido.

Quando chegamos a S. Nicolás del Camino, faltando ainda 7 quilômetros para o nosso destino de hoje, já estávamos nos arrastando, de fome e cansaço. As costas e os pés eram uma só dor.

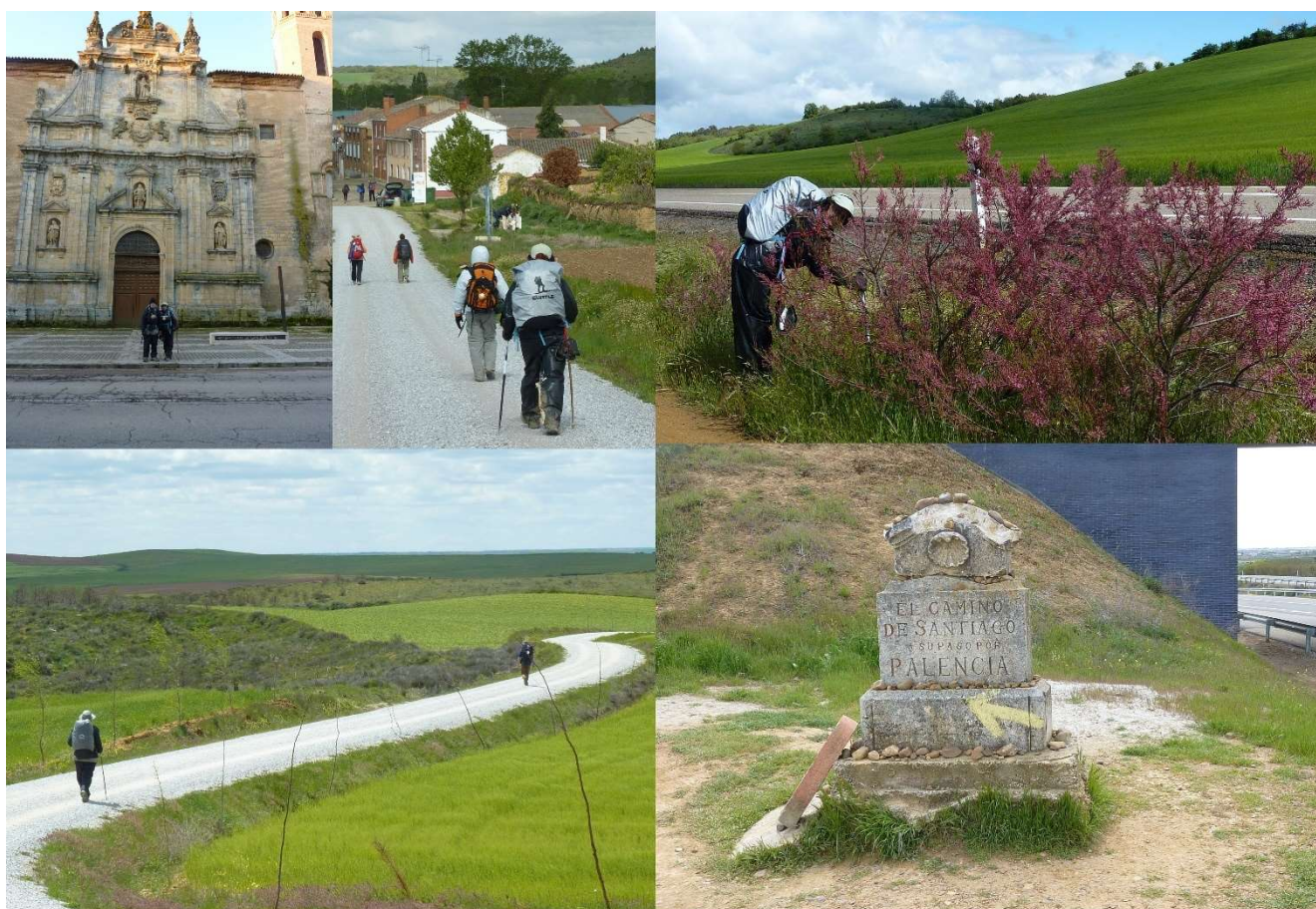
Paramos em um bar, mas a cozinha já estava fechada pois já estávamos no período diário da siesta. Só conseguimos comer alguns bocadillos, que são sanduíches de pão seco, com queijo ou jamon (presunto cru) ou outro ingrediente. Mas graças a Deus foi o suficiente para levantar a nossa moral, suportar as dores e ir em frente. Ficamos imaginando como os discípulos de Jesus conseguiam vencer distâncias enormes, com sandálias ou mesmo descalços. E nós, com botas próprias para trekking (Timberland e Lafuma), que foram amaciadas durante os 3 meses que antecederam a viagem e, mesmo assim, sofrendo horrores. Socorro que já estava com uma unha negra, ganhou uma outra com o mesmo tom, além da primeira ampolla (bolha). Na verdade, estávamos até surpresos, pois a maior parte dos peregrinos com quem mantínhamos contato (em geral os brasileiros) já estavam colecionando feridas nos pés em função das bolhas, e nós só agora começando...

Já avistando a cidade, a 3 quilômetros de Sahagún, fomos desviados do que parecia ser o mais lógico, uma trilha ao lado da estrada asfaltada, para um outro trecho, bem longo, para podermos passar em frente à ermita de la Virgen de la Puente, um edifício lindo, do sec. XII em fase de restauração, e de uma ponte também muito bonita. Nem acreditamos quando percebemos que estávamos nos afastando da cidade. Mas como peregrinos obedientes, fomos seguindo as setas amarelas.

Chegamos finalmente ao hotel, onde ainda tivemos de subir (como quase todos os dias) vinte e três degraus até alcançar o nosso quarto.

Desmanchamos as mochilas, tomamos um banho rápido e saímos às pressas para a missa, seguida da bênção do peregrino. Foi um culto cantado pelas freiras beneditinas na linda igreja de San Tirso (sec. XII), uma igreja ligada ao albergue mantido por estas monjas.

Sob um frio intenso, com muito vento, fomos jantar (ou almoçar) às 20 horas, e logo após caímos no sono, em um autêntico descanso de guerreiros.



Capítulo 20

Décimo Sétimo Dia

16/05/2010

De Sahagún a El Burgo Ranero

Distância: 18,2km

Distância percorrida até hoje: 449,17km

Tempo gasto: 4:20h

Temperatura ao sair: 4°C



Sobre El Burgo Ranero

El Burgo Ranero é uma localidade da província de León, de área 98,28 km² que tinha, em 2004, uma população de 894 habitantes.

El Burgo Ranero já aparece em textos medievais, dos séculos XI e XII. No ano de 1.386, ele recebeu privilégios concedidos pela abadessa de Gradefes. O monumento mais importante do lugar é a igreja de San Pedro, com uma humilde torre quadrada. No interior, possui um retábulo renascentista. A escultura românica que abrigou está agora no Museu da Catedral de Leonese.

A cidade se localiza em uma área plana, com diversas plantações de cereais, na qual aparecem aldeias de casas de um ou dois andares, muitas delas feitas de barro e com um curral no interior, uma vez que correspondem a fazendas e casas de colonos agrários. O espaço é relativamente desolado, e o próprio Domenico Laffi narrou no século XVII em seu "Viaggio em Ponente a San Giacomo di Galitia" que os lobos comiam peregrinos por aqui.

Nosso Percurso

Deixamos Sahagún, um importante marco do Caminho (pois chegou em épocas medievais a ter cinco hospitaes, que eram albergues de peregrinos) com um lindo dia de sol, mas intenso frio. Antes de deixar o hotel (hostal) verificamos a temperatura de 4°C, mas assim que reiniciamos o Caminho começamos a ficar congelados. De cara percebemos que os carros estavam cobertos por uma camada grossa de gelo. Logo hoje que a calça impermeável da Socorro foi abandonada na lixeira do hotel. Deu para ver de cara que iria fazer falta, pois ela foi responsável pelo aquecimento da parte de baixo (sobre outra calça até o momento). Coitada daquela calça de motoqueiro, se acabou depois de cumprir bem o seu papel.

Os campos estavam cobertos de gelo, os trigais, apesar de estar sofrendo com o frio, se mostravam mais lindos ainda. Com isto deu para perceber que a temperatura, se não estava no momento, havia estado abaixo de 0°C.

O Caminho estava lindo. Andávamos rapidamente (para espantar o frio) em uma estrada de cascalho, por entre árvores e trigais, em paralelo à rodovia “Camino de Santiago”. Foram onze quilômetros e meio sem bar, banheiro e comida até chegarmos à Calzada Del Coto. Fizemos alongamento mais uma vez, tiramos as mochilas e em seguida continuamos até Berciano (no sec. XII foi repovoado por habitantes Del Bierzo, por isso o nome). Alongamos mais uma vez, tomamos chocolate quente e fomos ao banheiro (limpíssimo como todos), quando Edson percebeu uma forte dor no calcanhar. Tirou a bota, colocou algodão no local, para proteger, mas a dor continuou. Desmontou então a mochila e pegou a sandália Timberland, que é também apropriada para caminhadas, e graças a Deus deu para seguir em frente. Fomos caminhando os seis quilômetros restantes passando pela estrada e não pelo Caminho (que ficava ao lado, em paralelo) para evitar que as pedras penetrassem na sandália. Deu certo. Chegamos às doze horas em El Burgo Ranero, um pequeno e agradável pueblo que nos acolheu até o nosso próximo trecho.

Pouco a ver em El Burgo Ranero. Uma pequena igreja de pedra e adobe, pequeno altar, porém com lindas imagens de Maria. Além da igreja, havia uma praça com um pequeno lago cheio de pererecas super falantes, alguns albergues e hostales.

D. Begoña, proprietária do nosso hotel, nos acolheu super bem (como aconteceu em quase todos os outros hotéis), nos levou ao quarto e depois nos serviu o almoço. O “menu del peregrino”, como em todos os locais é a melhor pedida. Um prato de entrada, um segundo prato, além do postre (sobremesa), pão, água e vinho. Em seguida fomos cuidar de nossas dores.

Não havíamos comentado até então: a iluminação dos banheiros, da mais simples parada (bar) até os dos locais mais sofisticados, têm sensor de presença ou um temporizador. A preocupação com a economia de energia assim como a de água é muito grande por aqui.

O boné (de peregrino) que a Socorro ganhou do Luiz da Thais tem sido muito bom. O chapéu que ela chegou utilizar também é bom, mas o vento leva toda hora. O boné fica sempre firme.



Capítulo 21

Décimo Oitavo Dia

17/05/2010

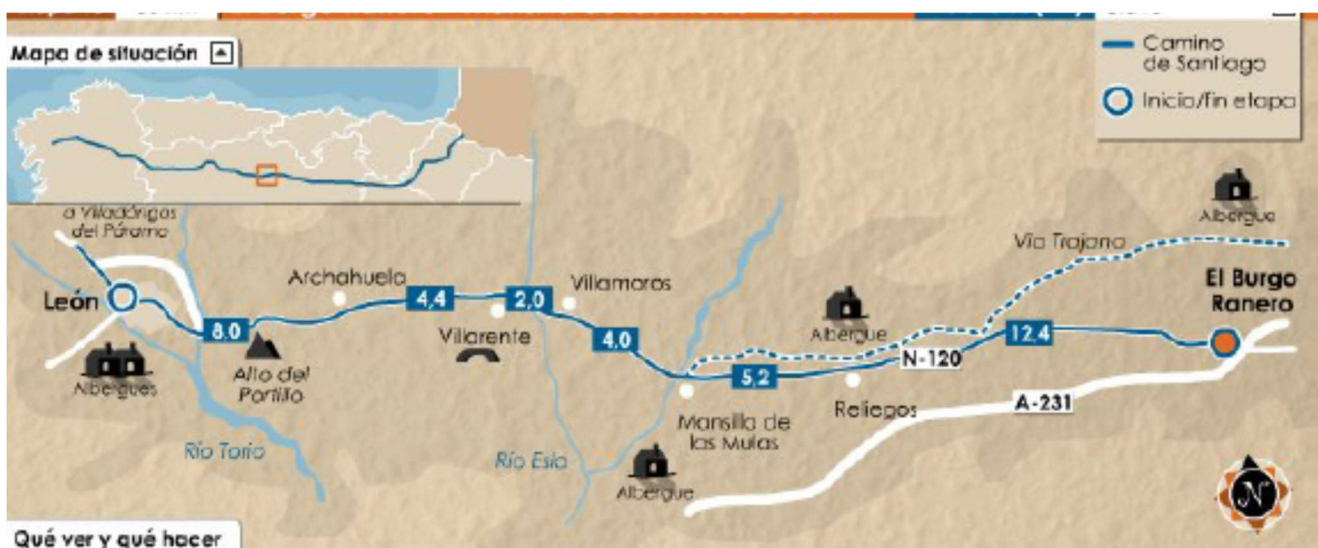
De El Burgo Ranero a León

Distância: 39,17km

Distância percorrida até hoje: 488,34km

Tempo gasto: 10:14h

Temperatura ao sair: 4°C



Sobre León

León é a capital da província de mesmo nome, da comunidade autônoma Castilla y León. Em janeiro de 2019 tinha 124.353 habitantes em uma área de 39,03 km²

Nascido como um acampamento militar romano por volta de 29 AC, após ter sido parcialmente despovoada devido à conquista muçulmana da península por volta do ano 910, León participou ativamente da reconquista cristã, e dessa forma recebeu um novo impulso, já como parte do Reino das Astúrias.

León é famosa pela catedral gótica de Santa María de Regla, o melhor exemplo do estilo gótico clássico francês na Espanha, e por diversos outros monumentos e edifícios, como a Basílica de San Isidoro, onde se encontra o Panteão Real. O mausoléu é ricamente decorado e lá foi enterrada toda a família real do reino medieval de León. A basílica também possui uma das melhores coleções do mundo de pinturas românticas. Outro ponto de interesse de León é a Casa Botines, que é uma das primeiras obras do arquiteto catalão Antonio Gaudí, que é, atualmente, ocupada por um banco. Também importante é o Mosteiro de San Marco que foi construído no século XVI.

Nosso percurso

O dia que estava lindo e muito frio no início, e se tornou muito quente no final. Seguimos pela estrada de terra paralela à rodovia ao lado de campos de feno e trigo, até Relliegos no quilômetro treze. É um longo trecho, que parece ter sido arborizado recentemente, e que dispõe, de vez em quando, de um banco para descansar. É o momento para o necessário alongamento. Relliegos é um pequeno povoado, sem nada especial, porém uma parada agradável pela acolhida da proprietária do Bar. A entrada do banheiro era cheia de gerânios de várias cores, plantados em pequenos cochos: uma delicadeza para a vista. Banheiro simples, mas como sempre, impecável.

Após termos caminhado uns quinhentos metros o Edson percebeu a falta de seu chapéu, esquecido em um banco da praça. Retornou e o encontrou no mesmo local onde fora esquecido.

Continuamos dentro do mesmo panorama, até Mansilha de las Mulas. Esta cidade conserva pedaços da poderosa muralha que lhe protegia na época medieval.

Um fato nos tem chamado a atenção em todos os pueblos e pueblitos que temos passado nesta região de León y Castilla. Em cada torre das igrejas e ermitas, ninhos de gravetos foram construídos por um gigantesco pássaro, parecido com o nosso Tuiuiú (se parece, também com o pelicano). Em todos que vimos encontramos no ninho o pássaro e filhotes. Temos fotografados vários.

Após mais seis quilômetros de um monótono caminho paramos em Puente Villarente aonde comemos um “menu del peregrino”. Já estávamos exaustos sem energia. A comida foi ótima para nos reanimar e nos preparar para os doze quilômetros que ainda teríamos pela frente.

Este final da jornada de hoje foi mais difícil. O sol escaldante secou o barro, fazendo do chão um piso muito duro, que machucava nossos pés, já doloridos. A tarde estava um horror de calor. Como pode! Até outro dia estávamos nos congelando o dia inteiro. Agora este calor.

Fomos tirando pouco a pouco as roupas excedentes nas paradas, pois saímos com três blusas e duas calças para enfrentar a temperatura do início do dia.

Na chegada da cidade passamos por uma subida íngreme em estrada de terra, antes de tomarmos uma recém construída passarela sobre as seis pistas da estrada.

Andamos mais uns três quilômetros até o hotel, muito bem localizado por sinal.

León é uma cidade impressionante. Ao contrário de todas as outras cidades grandes que passamos, as ruas são movimentadíssimas, cheias de carros e pessoas. Lojas belíssimas, onde se vê de tudo. As igrejas são maravilhosas. Ficamos impressionados com a catedral María de Regla, do século XII, com admiráveis vitrais, mas não pudemos entrar pois está em obras. Figuras gigantescas, torres que não se consegue enumerar, várias portas, uma área imensa em uma praça colossal, onde os anciãos ficam sentados nos bancos, papeando e observando tudo ao redor. O relógio é

sem igual! Fomos a igreja do padroeiro da cidade, San Marcelo, do século XVI, onde estava sendo rezado um terço. Conseguimos participar e rezar o final do terço.

Os cafés são imperdíveis. Sentamos em um e ficamos observando o grande movimento de pessoas locais e de peregrinos. Estávamos mortos de cansado e por isso não pudemos visitar muitas outras atrações, como o Monastério de San Marcos.

Não sabíamos onde doía mais. Mas amanhã será outro dia e certamente estaremos prontos para a nova jornada.



Capítulo 22

Décimo Nono Dia

18/05/2010

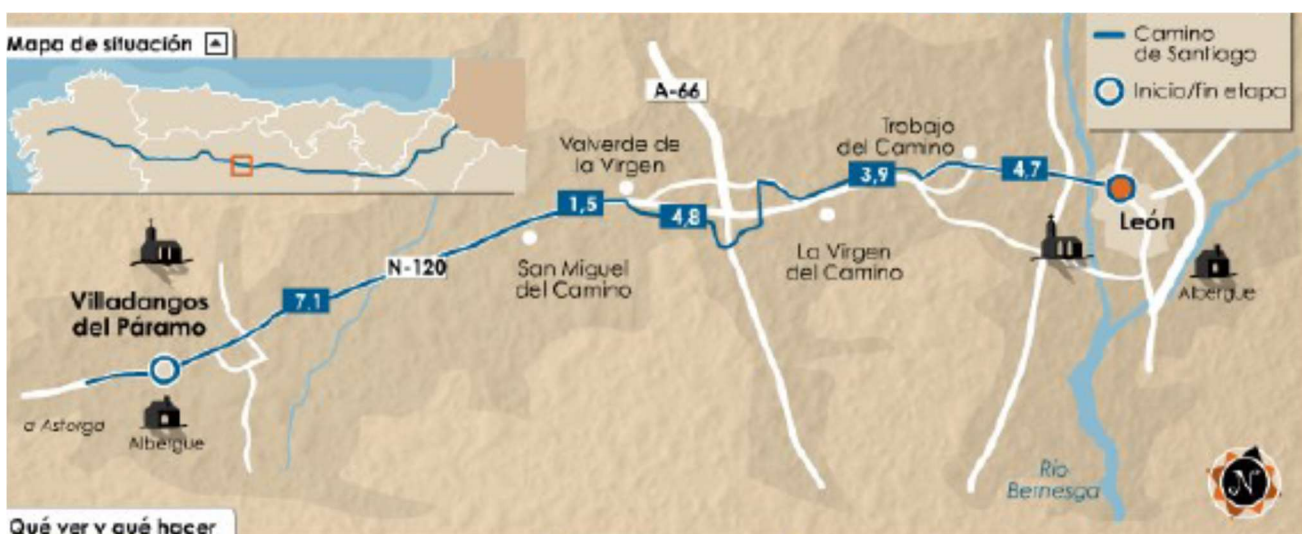
De León a Villadangos del Páramo

Distância: 19,2km

Distância percorrida até hoje: 507,54km

Tempo gasto: 4:51h

Temperatura ao sair: 4°C



Sobre Villadangos del Páramo

Villadangos del Páramo é uma localidade da província de León, com área de 45,14 km²e tinha, em 2004, uma população de 1.018 habitantes

Villadangos parece ter tido origem em um assentamento de Astur, conquistado, sem violência, pelos romanos. Nos tempos medievais, frutos das sangrentas incursões muçulmanas, a cidade esteve praticamente abandonada durante um grande período de tempo. Por um século e meio, esse planalto leonês permaneceu desabitado até o repovoamento realizado pelos reis de León, no final do século IX ou no início do século X, através de pequenos núcleos familiares.

Villadangos foi palco de um confronto armado entre apoiadores galegos de doña Urraca contra apoiadores aragoneses de Alfonso I, El Batallador, que estavam lutando pela posse do príncipe Alfonso. Por volta de 1.111 Villadangos del Páramo entrou na história como parte do Caminho de Santiago de Compostela. Não existem muitas atrações históricas e culturais nessa pequena localidade.

Nosso Percurso

Andamos cerca de 8 quilômetros na área urbana da região metropolitana de León muito lentamente, pois como tudo era muito lindo, paramos várias vezes para fotografar. As dores nas costas apareceram cedo, o que nos obrigava a parar a cada três quilômetros para fazer alongamento.

Fomos seguindo pelo Caminho em numa estrada de pedras e barro seco, ao lado da estrada N120. Em S. Miguel del Camino encontramos, na porta de uma casa, um lanche caprichosamente preparado por um morador e peregrino. Tudo em uma mesa em frente à sua casa. Havia biscoitos, amendoim, sementes de abóbora e girassol, e um livro onde quem passava deixava os seus dados e uma mensagem. Ele faz isto desde 2008 e já tem diversos livros de registo (muito grandes, por sinal) completos. Seu nome é Agapito Trigal, e possui até estampa (carimbo com um selo). Lá também existe uma indicação de água potável a duzentos metros, onde aproveitamos e enchemos nossas garrafas. Havia sobre a mesa do Agapito a seguinte frase: “Yo no vivo del Camino, yo vivo para el Camino”. Que lindo!

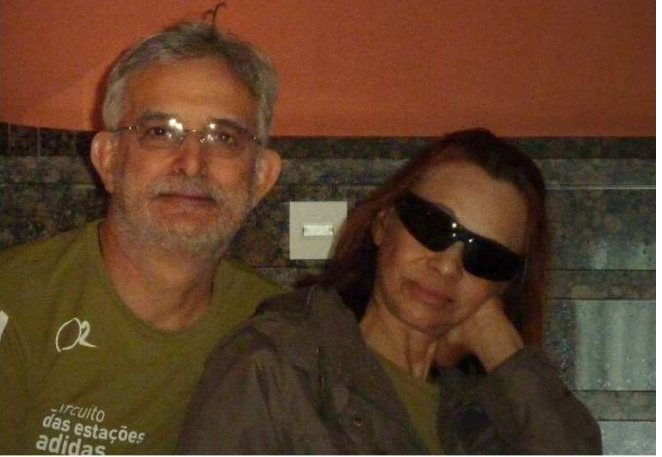
Desde a saída de León nos surpreendemos com jovens que fazem o Caminho com os seus peros (cães) devidamente ornados com várias vieiras e cabacinhas.

Daqui a alguns anos este trecho ficará mais agradável, pois uma grande quantidade de árvores foi plantada recentemente ao longo do Caminho.

Nosso hotel foi de estrada, um quilômetro e meio antes de Villadangos Del Páramo, que só iremos conhecer amanhã na saída para Astorga.

Fizemos hoje no hotel a terceira e a quarta estações da Via Sacra.

Hoje praticamente não foi possível acessar a internet, apesar do hotel ser novo e dispor de dois computadores. Os computadores, porém, são antigos, lentos e desatualizados. Quando usamos os locutórios (local público de telefonia e internet) gastamos bastante dinheiro, pois, em geral, se cobra 1 Euro para cada quinze a trinta minutos, dependendo do local. Em geral precisamos entre duas e três horas para atualizar o site, principalmente porque, em geral, estamos com a postagem sempre atrasada.



Capítulo 23

Vigésimo Dia

19/05/2010

De Villadangos del Páramo a Astorga

Distância: 30,13km

Distância percorrida até hoje: 537,67km

Tempo gasto: 7:14h

Temperatura ao sair: 10°C



Sobre Astorga

Astorga é uma localidade da província de León, com área de 46,78 km² e tinha, em 2016, uma população de 11.264 habitantes

A cidade nasceu como um acampamento militar romano ao final do século I AC. Foi a capital do Conventus Asturum e se desenvolveu como um importante centro de comunicações no noroeste da península ibérica. Fazia parte do reino dos suevos após as invasões bárbaras e, em 714, foi tomada pelas tropas muçulmanas de Táriq, tendo sido reconquistada pela monarquia asturiana em meados do mesmo século. No final do século X mais uma vez sofreu assédio muçulmano pelas mãos de Almanzor.

Desde o século XI, e graças ao impulso dado pelo Caminho de Santiago, a cidade experimentou um desenvolvimento progressivo no qual a Igreja teve, sempre, um papel de liderança.

Possui um vasto patrimônio histórico-artístico, que inclui a Catedral de Santa Maria construída em estilo românico, o Palácio Episcopal projetado por Gaudí, a Prefeitura e o Ergástulo (prisão, masmorra) de origem romana.

Nosso Percurso

Se não tivéssemos a companhia de Santiago, de Nossa Senhora da Boa Viagem e de Santa María del Camino certamente não teríamos chegado até aqui.

Muitos dos que começaram conosco não são mais vistos. Muitos estão com feridas nos pés só conseguem caminhar de sandálias, outros quase que se arrastam, outros ficaram em hospitais, com febre, tratando das bolhas inflamadas. E nós, apesar das dores, vamos seguindo a programação feita sempre com tempos adequados em cada etapa. Temos buscado seguir todas as orientações quanto à alimentação, alongamento, sono, cuidados com os pés e, sempre, conseguimos seguir em frente.

Tomamos café preparado no próprio quarto, às 6h, e saímos às 6:20h com a temperatura de 10°C. O dia ainda dava sinais de querer amanhecer. Tempo e paisagens lindas, estrada de terra paralela à rodovia. Visão de morros nevados misturado com o róseo azul do céu. Córregos produzindo suave ruído. Pássaros cantando aos montes. Ouvimos seus cantares, mas não os vemos. Ficam, o tempo todo dentro dos trigais, plantações de alfafa mas, de vez em quando, saem aos bandos. Caminhamos por trilhas lindas, sinuosas, cheias de flores e espinhos. Passamos por cidades, como Villadongos del Páramo e San Martín del Camino sem conhecê-las. Depois de caminhar por uma boa distância, passamos em Puente de Orbigo e Hospital de Orbigo. Lá existe uma ponte belíssima e um casario do século XIV, lindo, com pedras e flores nas varandas. Nesse local tomamos um lanche, fomos ao banheiro e fizemos alongamento. Paramos várias vezes para o Edson alongar suas costas, pois percebeu que fazendo isto a cada três quilômetros sentia grande alívio.

O cansaço começou a chegar. Percorremos um longo percurso de treze quilômetros sem pueblitos, em cascalho e terra, sempre caminhando em direção aos montes nevados. Pensamos muito e falamos dos amigos que têm a cara do Caminho, como o Marcos e Nena, Dionízio e Elzinha, Nonaka e Elza, Cris e Lorenzato. Como seria bom se estivéssemos juntos. Subimos de 840 metros a mais de 900 metros de altitude em uma curta distância, quando tivemos uma vista de San Justo e de Astorga. Fomos recebidos no meio de uma linda estrada calçada de pedras roladas, pequenas e grandes, por um senhor muito simpático, de uns oitenta anos ou mais, que fazia a sua caminhada diária no sentido oposto ao nosso. Puxou conversa e quis saber de tudo sobre nós. Aliás, todas as pessoas que cruzavam conosco, nessa chegada, nos cumprimentavam com muita simpatia, nos dando as boas-vindas. Tudo era lindo, menos o cansaço.

Chegamos a Astorga por uma estrada de terra, onde os motoristas eram tão gentis que diminuía a marcha de seus veículos, claramente para evitar nos mandar poeira.

Para entrarmos na cidade subimos uma ladeira enorme e cansativa, onde existe até um corrimão para ajudar os peregrinos. Atravessamos uma muralha romana-medieval para entrarmos no casco antigo de Astorga. Albergues, casas, prédios, igrejas, praças, povo, tudo é charmoso e elegante em Astorga.



Capítulo 24

Vigésimo Primeiro Dia

20/05/2010

De Astorga a Rabanal del Camino

Distância: 20,94km

Distância percorrida até hoje: 558,61km

Tempo gasto: 5:05h

Temperatura ao sair: 11°C



Sobre Rabanal del Camino

Rabanal del Camino é uma pequena localidade da província de León que tinha, em 2004, uma população de 74 habitantes.

Em Rabanal del Camino se pode respirar profundamente o espírito do Caminho de Santiago de Compostela, aumentado hoje pela presença de três monges beneditinos. Esses monges, desde 2001, ajudam espiritualmente todo peregrino que se aproxima das portas de seu mosteiro, em San Salvador. Na Calle Real, em uma longa rua típica do Caminho, ergue-se o eremitério de San José. Atualmente restaurado é considerado um dos melhores exemplos do barroco Astorgano.

Em frente ao mosteiro de San Salvador, a igreja paroquial da Assunção, construída no final do século XII, em estilo românico, pertencia à Ordem dos Templários até 1.287. Mais tarde, foi reformada no século XVIII. Possui nave única com abóbada dividida por vários arcos.

Nosso Percurso

O caminho é assim: passo a passo, dia a dia, quilômetro a quilômetro. Deus sempre conosco.

Durante todo o Caminho as flores nos acompanham. Dá vontade de fazer um álbum de fotos só delas: são margaridinhas, flores amarelas, brancas, e muitas em tons lilás (como o nosso grupo do ECC). Até parece que as de tons lilás aparecem para nos lembrar do nosso grupo, que tanto amamos (mas isso não é necessário para lembrarmos). Pensamos em cada um, o tempo todo. Como rezamos por eles!

Como se perde e esquece coisas pelo caminho. Socorro esqueceu óculos de sol, uma calcinha (como não obedeceu à sogra, trouxe apenas duas e não três. Teve que usar uma cueca boxer do Edson até conseguir comprar outra), um terço, um protetor de ouvidos (contra o frio) e Edson esqueceu um par de luvas, uma vieira e um adaptador elétrico. Ah...!

Com uma temperatura de 11°C, após um café no quarto, feito apenas de banana e mantegatas (uma delícia de Astorga), saímos às 6:40h. Logo de saída passamos e entramos em uma ermita, a Capilla del Hommo, onde rezamos e registramos nossa visita. Percorremos uns três quilômetros dentro da cidade até entrarmos em uma estrada de terra e pedras, lateral à rodovia.

A paisagem era outra em relação aos dias anteriores. Incrível como tudo mudou depois que saímos de Astorga. De campos plantados passamos a um ambiente de serras com muita vegetação, árvores e arbustos.

No quilômetro quatro e meio chegamos a Murias del Reduvaldo, típico pueblo maragata (é como o povo desta região é chamado). Paramos para tomar um café com leite e ir ao banheiro. A dona do estabelecimento, muito amável, gosta de um bom papo. Disse desejar conhecer o Brasil, e especialmente Minas Gerais (só aí falamos que éramos de Minas), pois já conhece o nosso Estado pela web e se interessa muito por pedras preciosas.

Ao reiniciarmos o Caminho fomos acompanhados por uma figura folclórica, um senhor de longas barbas brancas puxando um burrinho todo enfeitado com um cachorro sobre o burrinho. Puxou conversa com todos e pousou para fotos. Está seguindo o Caminho.

Começamos então a subir, até chegarmos à altitude de mil cento e cinquenta metros. Passamos por asfalto (o que não é normal), caminhos de pedrinhas roladas e uma incrível trilha de terra dentro de uma mata fechada de árvores, ainda sem folhas e cheias de musgos. Como foi penoso! Mas também lindo! Paisagem totalmente diferente.

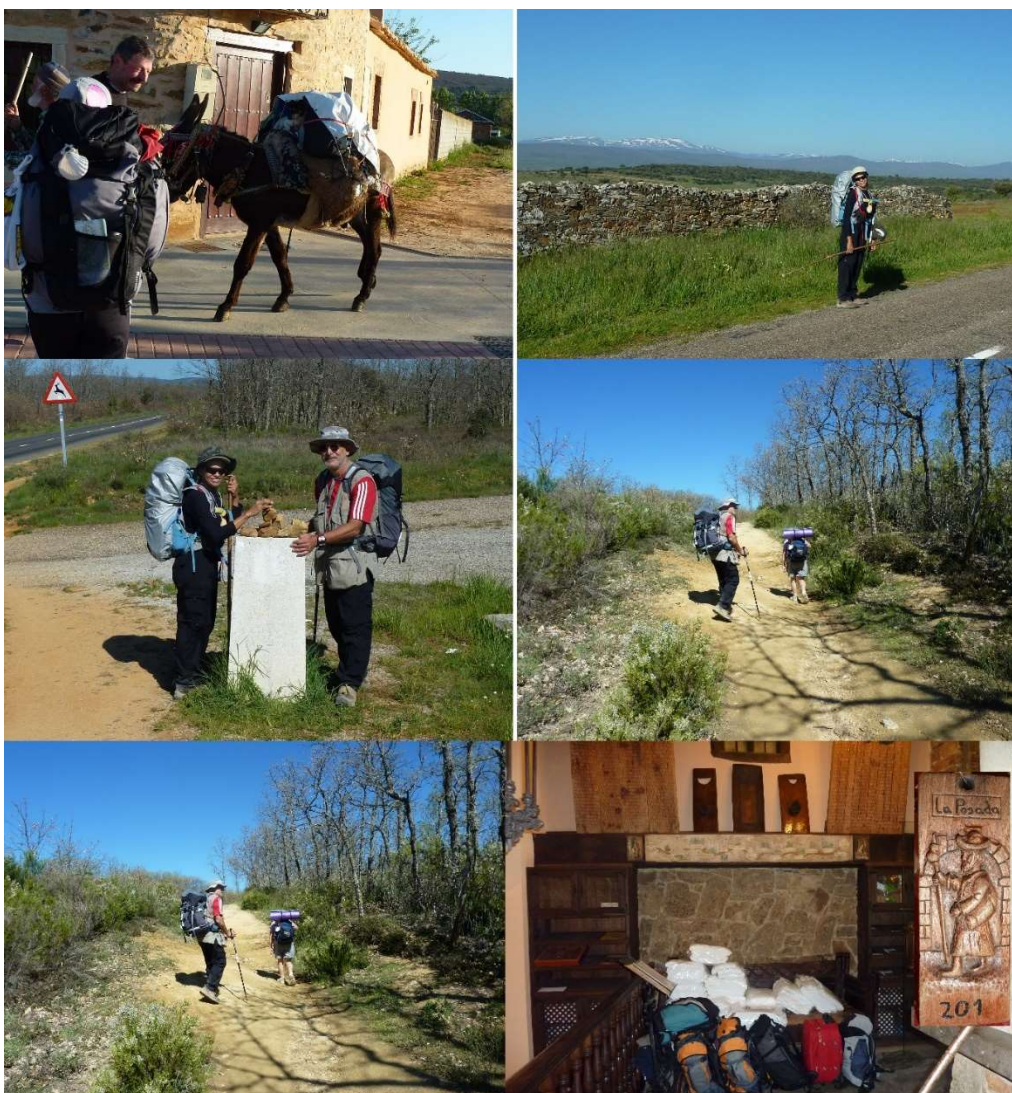
Os morros nevados continuavam conosco. Passamos por Santa Catalina de Somoza, onde um bando de peregrinos salvou um pássaro preso dentro de um buraco de uma pedra. Foi preciso usar escada emprestada de um bar e receberam uma grande salva de palmas quando o pássaro voou livremente.

No quilômetro treze e meio chegamos a El Ganso, lindo povoado do ano 1.142, onde havia um hospital de peregrinos e um monastério na idade média. Suas casas são

de pedras e, as mais preservadas, ainda têm telhado de sapé. Lá ficamos sabendo, por uma senhora, que no caminho que vamos passar amanhã, provavelmente teremos neve, pois chegaremos a quase mil e seiscentos metros de altitude. Por ela soubemos também que o pássaro que habita as torres das igrejas é a cegoña (cegonha). Só falta vê-la carregando os seus filhotes ou os bebês que estiverem para nascer. Finalmente descobrimos!

Seguimos nosso caminho, sempre em oração, até o nosso destino de hoje, Rabanal del Camino. Esta cidade foi, antigamente, um dos pontos mais fortes do Caminho. Casas de pedras, lindas e coloridas cheias de flores. Uma delas hospedou Felipe II. Bons albergues e pousadas. A nossa, a do Gaspar, é linda, de decoração caprichosa, cheia de detalhes. O menu foi bem forte e muito bem servido e custou 10 euros por pessoa.

Aqui existe a Paróquia de la Asunción, sec. XIII, as ruínas do Hospital de San Gregório e uma capela barroca de S. José, do sec. XII. No convento dos beneditinos participamos de uma celebração e cantamos, junto com os monges, alguns cantos gregorianos.



Capítulo 25

Vigésimo Segundo Dia

21/05/2010

De Rabanal del Camino a Ponferrada

Distância: 35,9 km

Distância percorrida até hoje: 594,51km

Tempo gasto: 10:14h

Temperatura ao sair: 7°C

Temperatura ao chegar: 34°C



Sobre Ponferrada

Ponferrada é uma cidade da comarca de El Bierzo, com área de 283,17 km² e tinha, em 2019, uma população de 64.674 habitantes.

Ponferrada se desenvolveu a partir do século XI, quando foi construída uma ponte para facilitar o trânsito de peregrinos no Caminho de Santiago de Compostela. A Igreja de San Pedro foi fundada em 1.086 e em torno dela surgiu “La Puebla de San Pedro”, que foi como Ponferrada foi chamada pela primeira vez. Pouco tempo depois passou a ser conhecida como Ponte Ferrato. Em 1.180, os primeiros Templários chegaram a Ponferrada, sendo que a tradição atribuiu vários feitos à essa Ordem, dentre eles a descoberta da imagem da Virgem do Carvalho, no século XII.

Nosso percurso

A única explicação que temos para, estando ao final do dia exaustos com os pés inchados e cheios de dores e, após uma noite de sono, termos energia, coragem, pés desinchados e muito ânimo para seguir, é Deus. É Ele quem nos guia e sustenta.

Hoje aconteceu algo inexplicável. Socorro caminhava pensando que Edson a seguia, pois via sua sombra no chão, e quando virou, viu que ele estava do lado oposto. O pensamento foi direto para o apóstolo Santiago, pois a sombra estava com bastão e chapéu, como nós, e como ele é representado. A todo momento, desde antes de sairmos, pedimos que ele vá ao nosso lado e nos guie. Não temos outra explicação.

O Caminho de Santiago é sempre no mesmo sentido, Leste-Oeste. Dessa forma pela manhã, o sol está sempre às nossas costas. Portanto vemos a nossa sombra quase o tempo todo, pois caminhamos a maior parte do tempo pela manhã.

Hoje foi, depois da subida aos Pirineus (primeiro dia do Caminho), o dia mais difícil. Saímos às 6:15h, após o nosso café no quarto, ainda escuro. Mal víamos o caminho. Saímos por uma estrada de terra e logo começamos uma subida íngreme. Subimos de 1.145 metros até 1.540 metros de altitude por trilhas de terra com muita poeira e barro. Passamos por lugares que pensávamos não iríamos conseguir vencer.

A vegetação mudou completamente. Muitas árvores sem folhas, cheias de musgo (aguardando o nascimento de novas folhas) e no chão, ao lado da trilha, flores em profusão, amarelas, brancas, lilás, todas nativas (sempre o são). Somente à altitude de 1.224 metros apareceram os primeiros raios de sol, que chegaram a nós. No quilômetro seis chegamos a Foncebadón, exaustos e ansiosos por conhecer o famoso povoado maragato situado a mil e quatrocentos metros de altitude. É um acúmulo de ruínas na subida do Monte Irago. Foi um dos lugares mais famosos da rota de peregrinação. Havia vários hospitais de peregrinos e um convento. Durante muito tempo eram somente ruínas, mas hoje conta com alguns albergues além das ruínas de casas de pedra e cobertura de sapé. Saímos de lá após um café com leite e uma ida ao banheiro, e continuamos a subir por trilhas inacreditáveis. Mais 2,5 quilômetros de subida chegamos a um dos mais misteriosos locais do Caminho, a Cruz de Ferro. Seu cruzeiro, apenas uma pequena cruz de ferro sobre um poste de madeira, é um dos pontos mais famosos da peregrinação. Segundo a tradição de séculos, o peregrino deve lançar ali uma pedra trazida de seu local de origem, a qual se juntará a milhares e milhares de outras que existem aos pés da cruz. Nós fizemos isto, também. É incrível a montanha que se formou. É lindo e possui uma energia tão forte, que todos naquele lugar ficam se comportando como crianças eufóricas, mesmo com o grande cansaço da enorme subida. Muitos nessa etapa já estão de sandálias, pois as botas lhes machucam as feridas e calos já formados.

Estávamos bem perto dos montes nevados, mas a neve no Caminho já havia se dissipado. Apesar disto, não sentíamos muito frio. Começamos então a descida. De mil quinhentos e quarenta metros para quinhentos e quarenta e um metros em apenas alguns quilômetros. Foi de arrepiar! Trilhas onde só cabia um pé de cada vez, cheias de pedras pontiagudas e soltas, cortantes e escorregadias. Vimos a nona cruz dessa nossa peregrinação, dedicado a um peregrino falecido no Caminho. Rezamos por todos eles.

No quilômetro dez um lugar super especial. Em épocas passadas havia um hospital de peregrinos. Hoje apenas um albergue rústico, esotérico, sem banheiro, apenas uma “uebloa” (latrina) do lado de fora. Um barato... Seu dono e hospedeiro é o Tomás, um cara super interessante, amigo de brasileiros. Recebeu-nos tocando uma sineta, vestido de templário e todo cheio de sorrisos. Vive com três gatos. Um deles, um siamês, muito dócil, pulou no colo do Edson que estava sentado se alongando, aninhou-se e dormiu (Edson não sabia o que fazer).

A descida era ameaçadora, tenebrosa, à beira de precipícios, mas maravilhosa. Impossível imaginar tanta flor, tanta paisagem linda diante de tanto perigo. Mas, com fé em Deus, continuamos em frente.

Chegamos a El Acebo no quilômetro dezesseis, outro lugar famoso e belíssimo, todo construído em um declive, sendo o primeiro povoado da comarca de El Bierzo. No quilômetro vinte e quatro e meio chegamos a Molinaseca, já com a descida terminada, e debaixo de 30°C (e saímos com 7°C). É linda a cidade. Limpíssima, casas de pedras e cheias de flores (parece repetição). Logo na entrada uma linda ponte sobre um rio de águas transparentes e com piscinas naturais. Jovens tomavam sol e nadavam em suas águas (duas jovens de topless). Povo simpático e acolhedor. Até a cidade de León não tínhamos visto praticamente nenhum inseto ou outros pequenos animais. Somente lesmas e caramujos enormes. Hoje, com todo o calor que fazia, convivemos com mosquitos, moscas, formigas e enormes calangos.

De Molinaseca a Ponferrada foi duro. Cansados, sol muito quente, e o término do trecho não chegava nunca. O Caminho segue pela Autovia (e o asfalto cansa muito) e nos encontramos com um peregrino brasileiro que vinha em sentido contrário, pois havia esquecido o seu bastão em um bar em Molinaseca e voltava para buscá-lo. Pegamos, então, uma estrada de terra passando por Campo, um pueblo do século XVII.

Chegamos a Ponferrada muito cansados, mas encantados com um castelo do ano de 1.178, construído pelos templários, e que ficava bem em frente ao nosso hotel. Ponferrada é a capital do Bierzo Baixo. Fomos à missa das 20h na Basílica de N. S. de la Enciña (sec. XVI) onde é conservada uma cruz românica de São Tomás de las Olas. Após a missa o padre perguntou se havia algum peregrino na igreja. Levantamos a mão. Só havíamos nós, e ele pediu para nos aproximarmos do altar. Fomos recebidos com muito carinho e admiração e recebemos uma benção muito especial (com aspersão de água benta), como nunca havíamos recebido antes nesta peregrinação. Ficamos muito emocionados e felizes. Ganhamos uma linda estampa de la Virgen de la Enciña e pedidos de oração pela comunidade de Ponferrada.

Deitamos mais tarde que o normal, pois ficamos relatando as imagens do dia e o tempo passou rápido. Em Ponferrada vimos: Hospital de Santa Ana (sec. XV), Igreja de s. Andrés (sec. XVII) e casas de pedras com tetos também de pedras.





Capítulo 26

Vigésimo Terceiro Dia

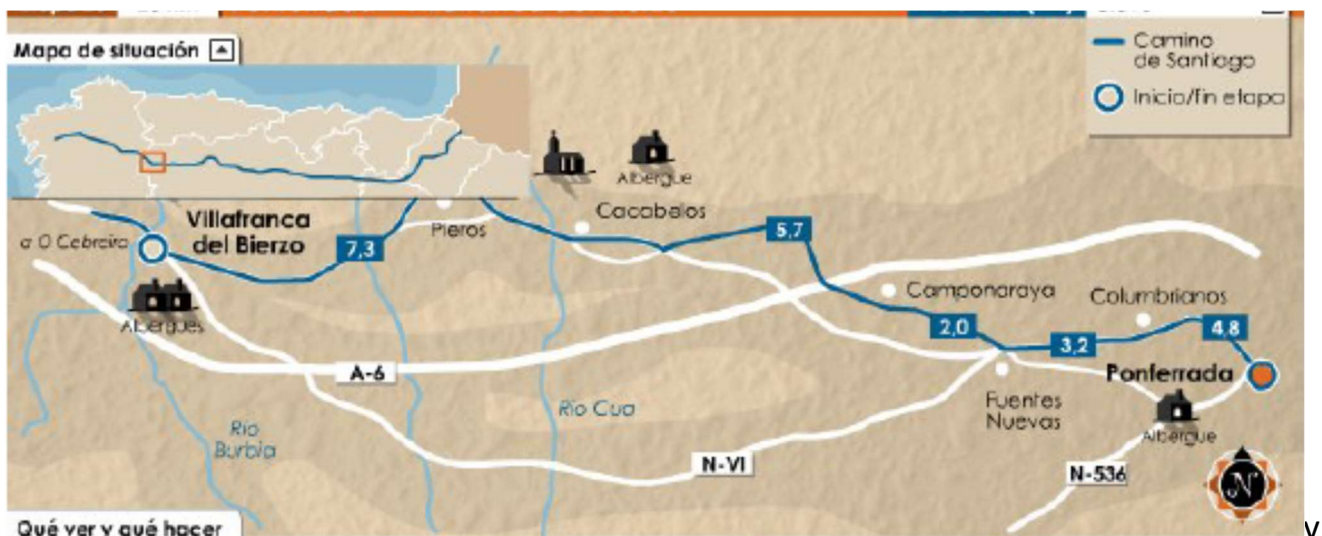
22/05/2010

De Ponferrada a Villafranca del Bierzo

Distância: 24,96 km

Distância percorrida até hoje: 619,47km

Tempo gasto: 6:28h



Sobre Villafranca del Bierzo

Villafranca del Bierzo é uma localidade da província de León, com área de 177,53km² que tinha, em 2004, uma população de 3.729 habitantes.

A citação mais antiga conhecida sobre a região é do ano 791, como local de uma batalha travada entre os muçulmanos que retornaram da Galícia e os cristãos do rei asturiano.

O início das peregrinações a Compostela, após a descoberta do corpo do apóstolo e as dificuldades em atravessar o Caminho, levaram ao surgimento de núcleos privilegiados para a assistência dos peregrinos e Villafranca seria o prelúdio do estreito vale do rio Valcarce.

Villafranca del Bierzo é considerada uma das cidades mais bonitas do Caminho de Santiago, tendo como principais as seguintes atrações: igreja de San Nicolás el Real, um conjunto arquitetônico barroco data do século XVI; Os leões e o jardim da Alameda que adornam o Palácio de Arganza; o viaduto Fuente Quintano, que é uma antiga ponte medieval; a Igreja de San Francisco que possui um teto em estilo mudéjar do século XVI; o Castelo-Palácio dos Marqueses, datado de 1.515 que foi construído sobre os restos de outro castelo; a Porta do Perdão, localizada na igreja românica de Santiago; a igreja

Colegiada de Santa María de Clunia, de arquitetura “berciana”, datada do século XVI, que antigamente era um mosteiro beneditino que abrigava os peregrinos que iam a Santiago.

Nosso percurso

Ontem deitamos novamente com um sentimento que só Deus para nos levar de volta ao Caminho. Muitas dores nas costas e nos pés, cansaço, pés inchados. Mas a vontade de cumprir a nossa tarefa e chegar a Santiago de Compostela é maior que tudo.

Estava escuro e percorremos a cidade vazia: Poucos peregrinos saíram tão cedo e os habitantes ainda dormiam. A cidade nos pareceu mais linda ainda e a saída bem mais interessante que a entrada. Sempre, quando chegamos, o cansaço é tão grande que pouco observamos ao nosso redor. A não ser o “casco viejo” que é sempre a parte mais bonita da cidade, pela sua história, por suas construções, em geral muito conservadas, e por seu chão.

Pegamos a estrada e, até Columbianos nos encantamos com as plantações de cerejas (já amadurecendo), amêndoas, hortaliças, um pouco de trigo e uvas em profusão. Muitos vinhedos. Depois, Fuentes Nuevas, típico povoado do Bierzo, onde já observamos a presença do dialeto galego nas conversas que ouvimos nas ruas e nos bares. Embora ainda não tenhamos entrado ainda na Galícia, sentimos como se já estivéssemos. Outro Pueblo, Camponaranja, onde predominam os vinhedos, é linda, colorida de flores (muitas, muitas rosas) e simpatia. As igrejas, como sempre, habitadas pelas cegonhas. Onde não existem torres altas, elas constroem os seus ninhos em torres, que foram caprichosamente construídas para que elas o façam.

Edson sofreu muito com as dores, pelo peso da mochila. O sol quentíssimo, já desde cedo, nos incomodava. O Caminho nesse trecho pouco sinalizado nos forçava a optar, às vezes, por andar no acostamento de estradas movimentadas, o que nos obrigava a seguir em fila indiana. Sempre que possível preferimos caminhar pelos caminhos de terra, poeirentos, porém vazios.

Paramos muito, pois o resultado do dia anterior nos obrigava a descansar, retirando as mochilas e tomando água ou isotônico, além dos alongamentos.

Chegamos a Villafranca del Bierzo com um grupo grande, provavelmente habitantes de Ponferrada, pois estavam sem mochilas diferentemente dos peregrinos do Caminho. Demoramos a encontrar o Hostal, que fica localizado um pouco afastado (bem pouco, mas escondido) à beira do Rio Burbia.

A cidade foi repovoada por Alfonso VI, por Francos que viram na rota Jacobea uma boa fonte de sustento. A cidade possui mais de um albergue, todos bonitos (pelo menos por fora) e nos pareceram bem estruturados. O primeiro fica em frente à igreja de Santiago (sec. XII), logo na entrada da cidade, é coordenado pelo famoso Jesus Jato, um personagem já lendário do Caminho. Essa igreja era considerada a porta do perdão para os peregrinos que não conseguiriam chegar a Santiago. Cruzando a sua porta os

peregrinos recebem todas as indulgências que receberiam se tivessem chegado a Santiago de Compostela.

Houve missa e bênção do peregrino na igreja de São Francisco (sec. XII a sec. XVI).

É local importante também o Castillo-Palacio de los Marqueses (sec. XV), lindo, imponente, e que pode ser visto de longe.



Capítulo 27

Vigésimo Quarto Dia

23/05/2010

De Villafranca del Bierzo a Liñares, passando por O Cebrero

Distância: 32,14 km

Distância percorrida até hoje: 651,61km

Tempo gasto: 8:59h

Temperatura na saída: 17°C



Sobre O Cebrero

O Cebrero é uma localidade da província de Lugo na Galícia. Pertence ao município de Pedrafita del Cebrero e se localiza a 1.330 metros acima do nível do mar, contando em 2019 com apenas 23 habitantes, sendo a primeira cidade galega no Caminho Francês de Santiago de Compostela. Na sua arquitetura se destacam as pallozas e a igreja de Santa María, que guarda um cálice românico, datado do século XII.

O Cebrero se tornou mundialmente famoso através do livro do escritor brasileiro Paulo Coelho, "O diário de um mago".

Nosso percurso

Como estamos sendo bem recebidos em todos os lugares! Todos, além de nos receberem bem, confiam em nós. Estamos acostumados, no Brasil, a fechar a conta somente na partida do hotel, e após uma conferência do quarto por um funcionário. No Caminho nada disso acontece. Podemos fechar a conta à noite e sair pela madrugada, deixando a chave no balcão da recepção ou na porta do quarto, sem problema nenhum. Já fizemos este procedimento mais de uma dezena de vezes.

No último hotel em que ficamos, em Villafranca del Bierzo, o proprietário se ofereceu para levar o nosso café no quarto, à noite, para que não saíssemos sem

alimentação. Deixou-nos uma garrafa térmica com café com leite e madalenas, uns bolos deliciosos, e disse-nos para, simplesmente, colocar a chave na porta do quarto quando saíssemos. E ninguém conferiu coisa alguma.

O difícil nessa jornada de dormir um dia em cada lugar, é acordar para ir ao banheiro e nunca saber a direção a tomar. Já batemos o nariz na porta errada, trombamos em móveis e chutamos coisas até encontrar o banheiro. O isolamento acústico das janelas é tão bom que não se ouve nada externo, tanto nos hotéis, hostais ou pensões. Não podemos reclamar de nada, Graças a Deus.

O que torna alguém um peregrino não é o simples deslocamento geográfico até Santiago de Compostela, mas o aprendizado com as infinitas situações que se vive no dia a dia. A magia do Caminho está na simplicidade das pequenas coisas e na oração.

O mistério do Caminho é ser grande, na sua simplicidade. O Caminho não é solitário. Caminha-se sempre com Deus. Só Nele a explicação de termos conseguido sair hoje. De repente as dores, e os inchaços nos pés, sumiram.

Levantamos às 5h, arrumamos as mochilas, arrumamos os pés com algodões, esparadrapos e band-aid, vaselina, álcool del romero (um ótimo balsâmico). Tomamos nosso café e fomos embora. Hoje a temperatura na saída estava ótima: 17°C. Edson até animou e tirou a parte de baixo da calça, transformando-a em uma bermuda. A temperatura baixou um pouco mais, pois caminhávamos no vale de um rio, entre montanhas altíssimas. Pouco a pouco a temperatura foi esquentando até fazer muito calor. Paramos por diversas vezes. Nas paradas com bar (seis vezes), e em outras beiradas do Caminho para alongarmos e tirarmos um pouco o peso das costas.

Saímos da cidade caminhando no asfalto, após percorrermos internamente uns quatro quilômetros. Seguimos até Pradela no quilômetro nove, em uma região belíssima, cheia de verde e flores, nos fazendo lembrar que estamos na primavera. Andamos muito em uma senda (pequena estrada) de peregrino, que ficava ao lado de uma estrada pavimentada e muito movimentada. Andar no asfalto não nos agrada muito, mas as trilhas também não são nada fáceis, pois existem muitas pedras grandes com terra por cima, o que nos obriga a caminhar com cuidado redobrado, para não sofrermos torção nos pés. Passamos por Trabadello, Portela, Ambamestas, todas com lindos rios de águas transparentes, flores nas margens, pontes de pedra e ferro, lindas, e árvores em profusão. Não fosse a preocupação com o sol e a terrível subida para o famoso Cebrero, teríamos parado em todos os lugares. Mas o tempo corria...

No quilômetro 19 chegamos a Vega de Valcarce, um povoado de onde se inicia a grande subida. Estamos muito próximos da tão esperada Galícia.

Caminhando mais um quilômetro e meio chegando a uma pequena localidade, onde tomamos um gatorade com tortilha e descansamos um pouco. Atravessamos a rodovia e entramos em uma estradinha com muitas hortas, tendo então começado a subir de verdade. Em seguida chegamos a Herrerias, um pequeno pueblo. Saímos de

quinhetos e onze metros de altitude e em pouco tempo chegamos a setecentos e dois metros: um horror. Sol escaldante, muito cansaço e quase nenhuma sombra. Pusemos a língua para fora e fomos subindo para La Faba situada a novecentos e vinte e um metros de altitude. Estrada linda, entre árvores, mas de tão íngreme parecia com uma escada de pedras irregulares, com alguma terra nos intervalos. Todo cuidado era pouco para que não escorregássemos (pedras negras e lisas). Chegamos a Laguna de Castilla, o último povoado leonês. Mais três quilômetros estaríamos na Galícia. Continuamos subindo quando o repórter Edson (veja a gozação da Socorro) anunciou: altitude atual, um mil e trezentos metros. Estávamos exaustos e O Cebrero não chegava. Já havíamos tomado uns três litros de água e compramos mais um litro e meio para aguentarmos o tranco. Tomamos em dois goles (um do Edson e um da Socorro). Finalmente chegamos ao Cebrero, um local muito citado na literatura jacobea, inclusive pelo Paulo Coelho, como sendo tremendamente místico. Alcançamos os mil e trezentos e trinta metros de altitude, passando por precipícios inimagináveis. Passávamos à beira por trilhas estreitas com muitas pedras e muitos peregrinos. Bastante perigoso! Mas a visão do Cebrero foi um clímax. Palhoças galegas (de pedra e palha no telhado) pareciam flutuar. Uma linda igreja de pedra, Santa María la Real, da fase pré-românica (sec. IX e X), com uma imagem de Jesus Cristo que foi um bálsamo para o nosso cansaço. As palhoças são de origem Celta, com planta elíptica e telhado à base de uma palha trançada chamada bálago. Algumas delas se transformaram em um museu etnográfico da região. O hotel, restaurante, bar, tudo é de pedra bem escura e antiga. É um colírio para os nossos olhos. Tudo é muito limpo, apesar da grande quantidade de turistas, que em parte estavam lá porque hoje é o domingo de Pentecostes e o Cebrero é muito famoso, considerado o mais místico do Caminho. Continuamos nossa jornada após comprarmos bananas e comermos uns cereais, pois estávamos famintos. Já era tarde e chegaríamos ao hotel após a hora da comida (almoço), já no período da siesta, quando, de 15h às 17h, todos dormem. O vendedor de frutas ainda nos presenteou com dois deliciosos morangos (havíamos comprado apenas duas bananas), pois deve ter ficado com pena de nós.

Descemos pela autovia, em um estreito e perigoso acostamento até nosso destino (era Liñares, por falta de disponibilidade de acomodação no Cebrero) que não chegava nunca. A pensão em que nos hospedamos é também supermercado, loja de implementos agrícolas, peças de tratores, bar e restaurante. Tudo junto. Mas o atendimento foi ótimo. E uma vista lindíssima. Pena que a igreja, pequeníssima, estava fechada. Toda de pedra com um bonito e enorme sino. Igreja de San Estevan.

Quantas saudades...



Capítulo 28

Vigésimo Quinto Dia

24/05/2010

De Liñares a Sarria (3km antes)

Distância: 33,84 km

Distância percorrida até hoje: 685,45km

Tempo gasto: 8:55h



Sobre Sarria

Sarria é uma cidade da província de Lugo, com área de 185,09 km² e tinha, em 2019, uma população de 13.330 habitantes.

A cidade, como se conhece hoje, foi fundada por Alfonso IX com o nome de Vilanova de Sarria. Mas suas terras são povoadas desde os tempos antigos, como atestam seus muitos achados arqueológicos. A conquista muçulmana foi escassa e praticamente não deixou vestígios arquitetônicos ou nomes de lugares locais. A fundação do mosteiro de Santo Estevo de Calvor remonta ao ano 785.

A passagem do Caminho de Santiago pelo município levou à existência de inúmeras construções eclesíásticas, como acontece com seu legado medieval que deixou várias amostras da arquitetura civil e militar.

Sarria é de onde muitos peregrinos iniciam o Caminho, pois ficando a cento e onze quilômetros de Santiago de Compostela, ainda permite ao peregrino a obtenção da "Compostelana". O mínimo para peregrinos caminhantes é de 100 quilômetros.

Nosso percurso

Algumas coisas nos chamam a atenção nessa peregrinação e merecem ser relatadas. O fumo, o celular, o silêncio e a gentileza. O europeu e o espanhol,

especialmente, fuma muito nos bares, apesar da existência do aviso em todo lugar, “fumo mata”. Apesar disso o fumo é permitido naquele local. Entretanto no Caminho é muito difícil se ver alguém fumando. Nas áreas de descanso que existem ao longo do Caminho percebemos que, discretamente, as pessoas o fazem, mas caminhando não vemos. Em todo local, mesmo nas grandes cidades, é muito pequena a quantidade de pessoas que vemos falando ao celular. No Caminho é raríssimo.

Silêncio e gentileza andam juntos. Mesmo famílias ou grupos falam baixo (quando o fazem) em respeito a quem deseja ficar consigo mesmo. Quando ultrapassamos alguém ou somos ultrapassados, até pelos muitos ciclistas, sempre se ouve a saudação “buen camino”. O Caminho é feito do silêncio. Após às 21, 22 horas ele ainda é bem maior. Todos se recolhem, mesmo sendo dia claro, pois a noite chega tarde, depois das 22 horas. Dorme-se bem e com silêncio total, em geral.

Hoje nos levantamos às 5 horas, tomamos café no quarto e saímos às 6:30h. Estávamos próximos ao Caminho e tão logo atravessamos a autovia pegamos uma estrada de terra com uma forte subida: de um mil duzentos e vinte e dois metros de altitude, em Liñares, chegamos a um mil trezentos e cinquenta e cinco metros no Alto del Poyo, depois de passarmos no Alto de Penedo, onde existe um monumento ao Peregrino. Chegamos ofegantes, suados e bem cansados por volta das 7:30h da manhã, ainda sem sol. Paramos para os procedimentos habituais (tirar a mochila, alongar, banheiro, café com leite) e continuamos numa trilha de pedras com fortes subidas e descidas em um lindo panorama. Muito verde, flores e túneis de arvores até chegarmos, no quilômetro nove, a um povoado de casas rurais, muito interessante chamada Fonfria. Aliás, o ambiente rural nos acompanhou até o final de nosso percurso com interessantes fazendas, uma depois da outra, o caminho cheio de estrume e o barulho de gado. O calor já era forte. Passando por Viduelo fomos abordados por uma senhora fazendeira que nos ofereceu panquecas com açúcar, e depois nos pediu 1 Euro como contribuição. Primeira vez...

Triacastella não chegava nunca. Descíamos trilhas tortuosas que serpenteavam morros e vales, e quando achávamos que somente iríamos descer, aparecia uma nova subida. Mas depois descemos de um mil cento e noventa metros em Viduelo fomos para seiscentos e sessenta e cinco metros em Triacastella. Em seguida subimos novamente em uma trilha, como uma escada de pedras roladas com barro, até a localidade de Alto do Riocabo, situada na altitude de aproximadamente novecentos metros. Descemos e subimos até chegarmos, finalmente, ao destino deste trecho, já na altitude de quatrocentos e cinquenta e três metros. A descida foi longa, perigosa e cansativa, embora túneis de arvores, muito verdes, nos propiciassem sombra e alento.

Ficamos em um Albergue, 3 quilômetros antes de Sarria, muito bem cuidado, e cheio de hospedes alemães. Boa acolhida, jantar comunitário vegetariano (tudo da horta), o que adoramos. Vinho muito bom e um agradável vizinho de mesa, espanhol da cidade de Santander. Fomos dormir cedo, pois todos se recolheram às 21h e o silencio

imperava. Todos saíam cedo. O café da manhã seria feito no salão, em máquina de autos serviço, onde existe de tudo: café, café com leite (forte, médio e fraco), chocolate (com mais ou menos chocolate), biscoitos, manteiga e geleia, torta de macas, chips, pão, biscoito, refrigerantes, sucos. Super prático e isso simplifica nossas saídas nas madrugadas, pois em geral tudo está “cerrado”.



Capítulo 29

Vigésimo Sexto Dia

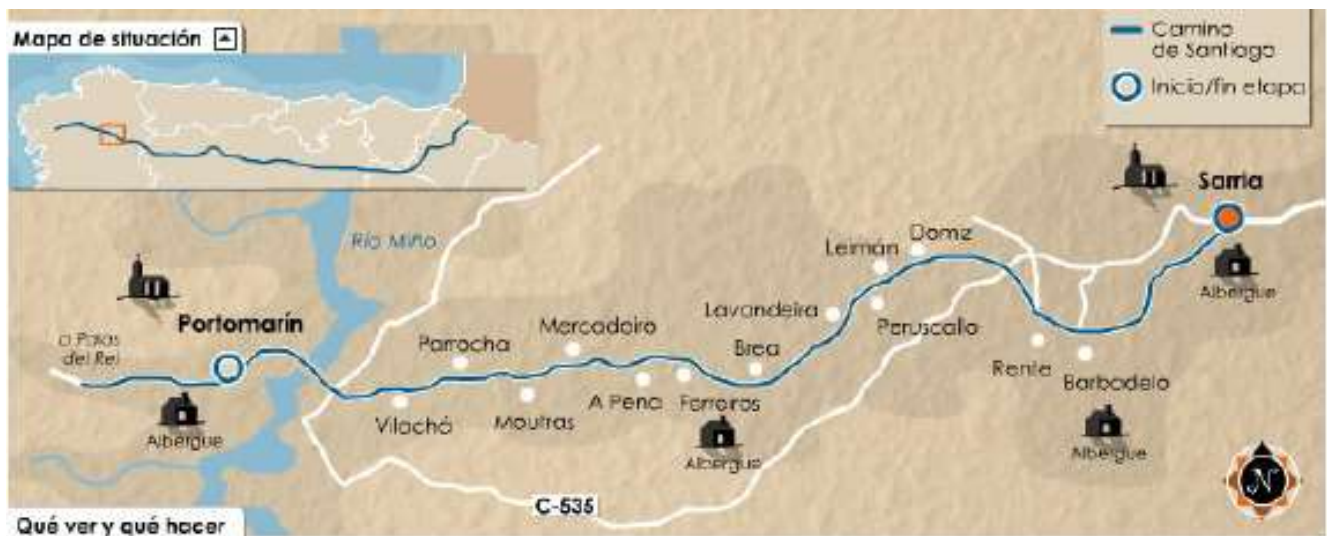
25/05/2010

De Sarria a Portomarín

Distância: 28,54 km

Distância percorrida até hoje: 713,99km

Tempo gasto: 7:30h



Sobre Portomarín

Portomarín é uma cidade da província de Lugo, com área de 115,1 km² e tinha, em 2019, uma população de 1.471 habitantes.

O reservatório de Belesar, no rio Minho, inundou a cidade velha de Portomarín. Porém, pedra por pedra, seus principais monumentos foram trasladados para a área da nova cidade de Portomarín: a igreja românica de San Pedro e a igreja monumental da fortaleza de San Nicolás. Alguns dos antigos palácios medievais também foram colocados na praça principal do novo local, no topo de uma colina. A ponte medieval permaneceu submersa e apenas o iniciador e um de seus arcos foram preservados na entrada da nova ponte. O templo de San Xoán (San Juan em galego) ou San Nicolao foi construído no final do século XII por uma oficina de discípulos do Mestre Mateo. A igreja românica de San Pedro é do século X. Fora da cidade e do seu complexo monumental existem outras lindas igrejas românicas: Cortapezas e Castromayor.

Nosso Percurso

A luz acabou quando estávamos nos aprontando, e tivemos que suspender nosso café de máquina tão propalado no texto de ontem. Comemos um pão com manteiga e água e fomos para a chuva. É, voltou a chover.

Sarria foi um importante centro medieval onde morreu o rei Alfonso IX quando peregrinava a Santiago. Saímos por um caminho de cascalho passando por campos, aonde vimos um veado correndo para atravessar a estrada. Subimos (para variar) até a Igreja del Salvador, sec. XI, passamos pelo Convento de la Magdalena (sec. XII), construção enorme e linda (foi hospital de peregrinos e hoje é convento Agostiniano e Mercedários). Contornamos todo o convento, em uma extensa descida, e atravessamos uma ponte da idade média para sair da cidade. Passamos por Bordabello, povoado do sec. XI, com Igreja de Santiago, do sec. XII. Caminhamos o tempo todo dentro de fazendas, em caminhos e trilhas cercada de arvores e rios pequenos, pontes de pedra, escadas de pedras com água, tudo muito lindo, sempre descendo. E a chuva nos acompanhava.

Em uma das curvas do Caminho, na saída de um Pueblo, encontramos em frente a uma casa bem simples, uma mesa com maçãs, bananas e outras frutas. Junto à cesta havia uma carinhosa mensagem do casal residente, nos oferecendo o lanche e nos desejando um “buen camino”. Como vimos moedas na mesa, deixamos 1 Euro e saímos comendo uma maçã e duas bananas. Achamos isso muito lindo e delicado.

Passamos por Ferreiros, Vilachá, sempre subindo e descendo, até chegar a Portomarín. Lindas paisagens, muros de pedras seculares determinando o caminho. Eram muitos os peregrinos...

A partir do quilômetro cento e cinquenta faltantes para se chegar a Santiago, havíamos começado a contagem regressiva para a nossa chegada. Não queríamos ver, mas estava em pequenos monumentos de pedra ao lado do Caminho. Quando chegamos ao quilômetro cem uma grande emoção tomou conta de nós. Tiramos foto, e todos faziam o mesmo. Que vitória! Após tanto tempo, tantos obstáculos, estávamos vencendo o percurso. Só pode ser coisa de Santiago e de Deus. Cada quilômetro, cada passo, uma conquista e um novo desafio. Estamos quase chegando...

As torres de usinas eólicas estão em todos os morros e pueblos da Espanha. Não entendemos como o nosso país ainda não acordou para esse importante aproveitamento ecológico da energia do vento. Estivemos bastante próximos delas, principalmente no Alto del Perdón.

Já estamos aqui em plena Galícia, e como o galego troca o J pelo X, estamos caminhando para o final do nosso Caminho Xacobeu.

Portomarín foi um importante ponto Jacobeu na antiguidade. Existem monumentos que se salvaram da inundação, sofrida em função da barragem de uma usina hidroelétrica no Rio Mino, em 1962. Teve hospital de peregrinos fundado pelos Cavaleiros Janistas, e uma grandiosa ponte romana, cobertas pelas águas. Possui uma linda Igreja se San Pedro, do sec. XII. Também vimos preservada (salvo das águas) as ruínas do Monastério de Santa Cruz de Loyo, fundado pelos Templários. Para chegar à cidade atravessamos uma longa ponte sobre a represa, seguida de enorme escada de

mais de 30 degraus (quando já nos encontrávamos exaustos), para entrar na cidade. A imagem da cidade, que vimos, é de tudo muito verde e bonito. Esta é a cidade (infelizmente) com menos pontos preservados, devido à inundação de 1962.

Em Portomarín nos encontramos com um padre Eslovaco que trazia consigo uns 50 peregrinos. Ele celebrou a missa do Peregrino, em espanhol e Eslovaco. O lado direito da igreja ficou totalmente repleto de eslovacos. Foi muito interessante vê-los cantando em sua própria língua, durante a comunhão. E com que fervor...



Capítulo 30

Vigésimo Sétimo Dia

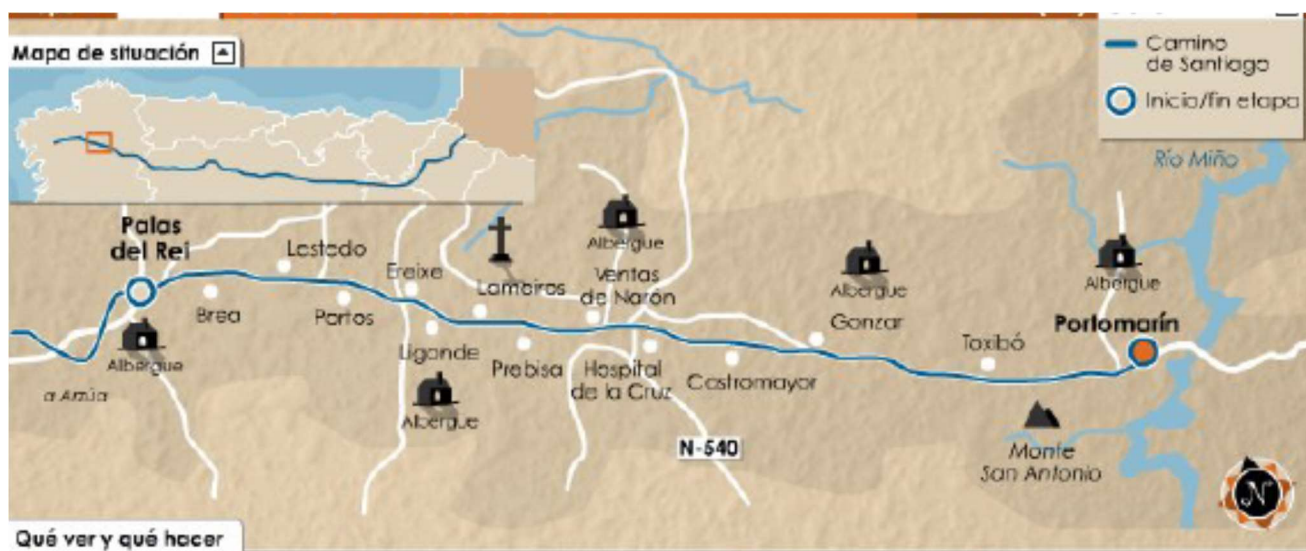
26/05/2010

De Portomarín a Palas del Rey

Distância: 25,62 km

Distância percorrida até hoje: 739,61km

Tempo gasto: 6:26h



Sobre Palas del Rey

Palas del Rey é uma cidade da província de Lugo, com área de 199 km² e tinha, em 2007, uma população de 3.667 habitantes.

A história de Palas de Rei está intimamente ligada à cultura Castreja, que remonta ao século VI a.c., conservando ainda hoje numerosos restos arqueológicos, como testemunha de um assentamento remoto. Segundo a tradição o seu nome deriva-se do palácio dos visigótico Witiza, que reinara entre os anos 702 e 710.

Palas del Rey conserva ainda os restos de fortalezas, torres, castelos, além de vários pazos (grandes casas da nobreza galega) com brasões. Entre os edifícios mais relevantes, destacam-se: a antiga casa da torre Filgueira; a casa da torre Fontcuberta; o Pazo de Laia. O Castelo de Pambre, uma fortaleza erguida por Don Gonzalo Ozores de Ulloa por volta do ano 1.375, que resistiu à “gran revolta irmandiña” em 1.467, é um exemplo da arquitetura militar da Galiza.

Nosso Percurso

Desde o século IX peregrina-se a Santiago de Compostela, sem interrupção. Pisamos com emoção, no Caminho onde milhares, ou talvez milhões já pisaram. O

Caminho de Santiago foi declarado Conjunto Histórico e Artístico em 1962 e a cidade de Santiago foi pela UNESCO declarada Patrimônio da Humanidade em 1985.

As emoções são fortes, a fé inabalável e o esforço grandioso. O Caminho faz o peregrino viver intensamente sua dimensão emocional.

Sáímos em direção a Palas del Rey por uma enorme ponte (para pedestres), sobre a barragem, e logo em seguida iniciamos uma forte subida debaixo de chuva (o tempo todo desse trecho) em um caminho de pedras por entre bosques, muitas arvores, por mais de onze quilômetros. Barro, trilhas, túneis de arvores, rio de lama e pedras enormes que nem sabíamos onde pisar, para atravessar. Passamos por Ganzar e Castromayor, sempre subindo muito. Paramos para tirar a mochila e fazer alongamento em todos os lugares possíveis. Estávamos novamente exaustos. Chegamos a Palas del Rey por um caminho cheio de arvores e, quase que subitamente, entramos na cidade: foi um alívio. Lá encontramos com uma holandesa que no dia anterior (no meio do caminho) Edson lhe havia dito que tinha também origem holandesa. Naquela oportunidade ela havia feito o maior escândalo (até tiramos fotos). Ela deve ter mais de 70 anos e caminha sozinha desde o dia 21 de abril, tendo saído da França, como nós. Aliás, nas cidades que pernoitamos, sempre encontramos com pessoas que nos relacionamos durante o Caminho. E, nos supermercados, especialmente os brasileiros.

Quando Edson no cybercafé e se sentou para usar o computador, encontrou um passaporte canadense esquecido, com 100 euros em seu interior. Levamos para o dono do bar para ser devolvido ao dono quando o mesmo o procurasse.

Fomos a Igreja de Santo Tirso (sec. XII) onde estavam vários objetos esquecidos. Nesta igreja estava sendo rezada a novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (será coincidência ou “coisas” De Santiago?). Somente nesse dia, quatrocentos e cinquenta peregrinos haviam passado por lá e carimbado suas credenciais. A credencial, conforme já falamos, funciona como o passaporte do peregrino. É retirado nas associações de Amigos do Caminho de Santiago, contém seus dados pessoais e locais para se carimbar em todas as cidades e pueblos por onde se passa, como forma de comprovação da realização do Caminho pelo percurso declarado na própria credencial.



IGLESIA PARROQUIAL PALAS DE REI
SOLEMNE NOVENA EN HONOR A NTRA. SEÑORA DEL PERPETUO SOCORRO
DEL 22 AL 30 DE MAYO

09:00 h.: Misa y Plática
18:00 h.: de LUNES a JUEVES, actos especiales para todos los Niños
20:15 h.: NOVENA, Misa y Homilía
VIERNES, 28: VISITA A ENFERMOS
SÁBADO, 29: A las 20:15 h.: CELEBRACIÓN PENITENCIA Y CONFESIONES
DOMINGO, 30: A las 2:30 h.: MISA SOLEMNE

DIRIGE: PADRE ÁNGEL YÁÑEZ GARCÍA (MISIONERO)



Capítulo 31

Vigésimo Oitavo Dia

27/05/2010

De Palas del Rey a Arzúa

Distância: 29,39 km

Distância percorrida até hoje: 769,00km

Tempo gasto: 7:20h



Sobre Arzúa

Arzúa é uma cidade da província de La Coruña, com área de 155,48 km² e tinha, em 2019, uma população de 6.041 habitantes.

Arzúa é conhecida como a “terra do queijo” em referência ao queijo produzido com leite de vaca da denominação de origem Arzúa-Ulloa.

Dentre os monumentos religiosos presentes no município se destacam a Capilla de la Magdalena, fundada no século XIV e que fazia parte de um antigo convento agostiniano construído para servir os caminantes, a Capela La Mota e a Capela da Fonte, localizada ao lado do rio Brandeso. No ambiente, existem fontes de águas sulfúricas que dão nome à capela e arredores.

Nosso percurso

Tomamos café na escada do hotel, onde havia uma máquina de auto serviço, pois o salão social estava fechado e ainda era madrugada. Partimos juntamente com dezenas de peregrinos, antes do amanhecer. Muita névoa, frio e estrada de terra quase o tempo todo em túneis de árvores nativas, muitos rios, um caminho belíssimo de vales e montanhas. Pueblos pequenos, romanos e medievais, todos eles dentro de fazendas que nos seguiram até chegar ao destino de hoje. É uma região agropecuária, e por isso

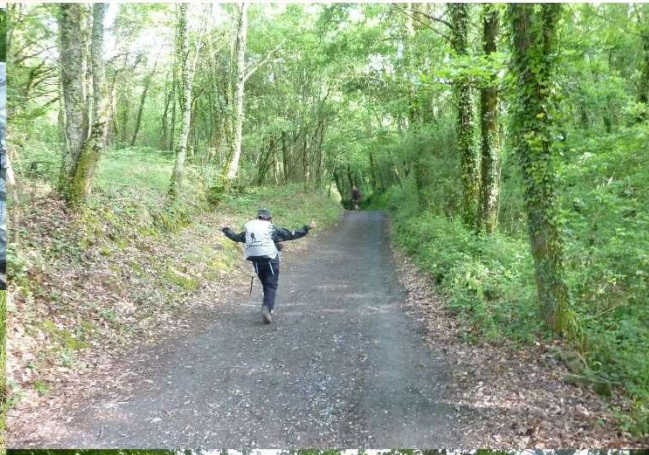
passamos dentro de currais e vimos o gado (o que em dias anteriores não estávamos vendo, pois estava confinado), árvores frutíferas, hortas e grandes plantações.

Nas paradas era quase impossível sermos atendidos, pois a quantidade de peregrinos era enorme e, como sempre, o dono do bar fazia de tudo. Como tínhamos levado alguma merenda, comíamos o que tínhamos, íamos ao banheiro, alongávamos e seguíamos em frente. Penamos bastante com subidas barrentas, pedras enormes, e um longo percurso de treze quilômetros sem serviços. Em Boente paramos em um bar após esse longo percurso. Lá, vimos um peregrino jovem, que andava descalço, quase se arrastando pelos machucados, e pelo inchaço nos pés. Colocou os pés na cadeira passando as mãos freneticamente neles, demonstrando dor. Socorro não se conteve, tirou o nosso alcohol del romero, que ainda restava no frasco, entregou-lhe, explicando como usá-lo, a fim de minimizasse suas dores. Ele agradeceu muito e fomos embora satisfeitos com a boa ação.

No meio da jornada, Melide. Cidade Jacobeia, linda e desenvolvida, que repovoada no século XII, fora destruída em 1467 pelos irmandiños. Seu forte são as pulperias (restaurantes especializadas em polvo) que, infelizmente não provamos naquele momento. Mas vimos um polvo sendo preparado. Depois do polvo cozido, seus braços, são cortados com tesouras (Edson experimentou essa especiaria à noite, já em Arzúa). Nessa localidade conhecemos a Igreja Românica de Santa Maria, uma Igreja Paroquial do século XII e o Hospital dos peregrinos do sec. XIV.

Subimos e descemos várias vezes, passando por vários rios e pontes medievais, bosques agradabilíssimos, até que tivemos uma fortíssima subida. Dores nas costas, pernas cansadas, estafa. Rezamos muito, pedimos a Santiago que nos fortalecesse nesse dia e nos renovasse as forças para amanhã fazermos os nossos últimos 40 quilômetros. Descemos bastante, sempre em procissão, com peregrinos de várias partes do mundo, falando em línguas que não tínhamos nem noção de onde era. Os quilômetros restantes iam diminuindo e a emoção e ansiedade aumentando.

Como toda chegada, foi duro. Esta é uma cidade apenas de passagem para a rota Jacobeia, não tendo grande importância histórica.



3-JULIO-2010

XUNTA DOS NACIDOS
NO 1950



XANTAR
Inscripción ata o 27 Xuño 2010 chamando os:

TELEFONOS

MANOLO SOUTO	678 432665
CHICHO	606 359979
BENDAÑA	608 388667



Capítulo 32

Vigésimo Nono Dia

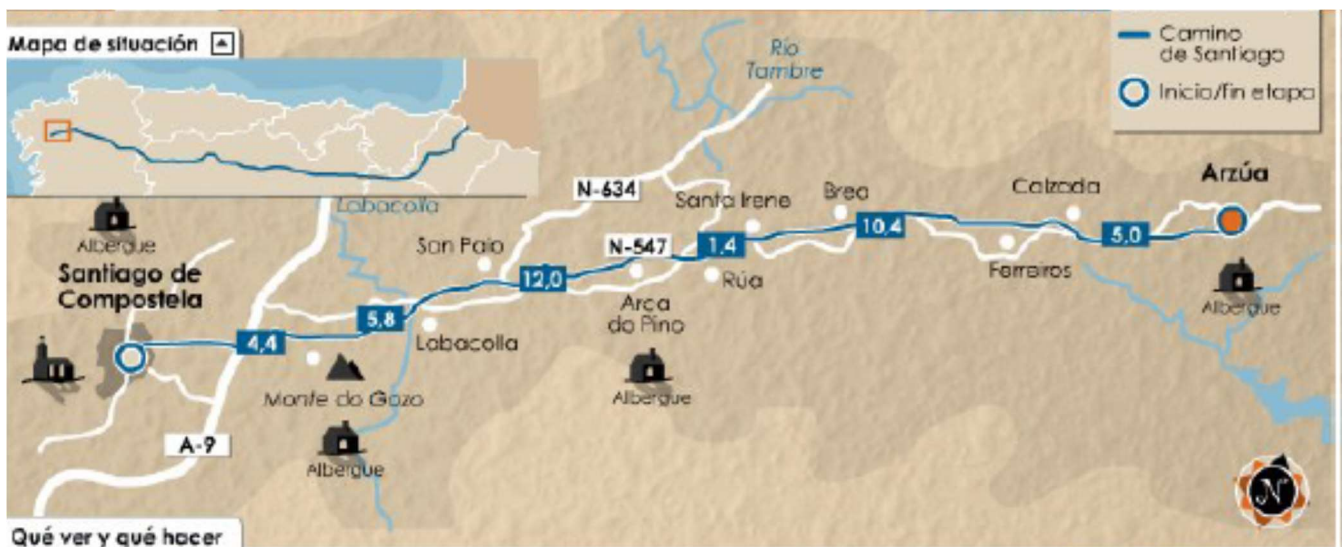
28/05/2010

De Arzúa a Santiago de Compostela

Distância: 39,91 km

Distância percorrida até hoje: 808,91km

Tempo gasto: 10:23h



Sobre Santiago de Compostela

Santiago de Compostela é a capital da comunidade autónoma da Galiza e faz parte da província de La Coruña. O município tem 220 km² de área e, em 2016, tinha 95.966 habitantes.

Na área atualmente ocupada pela catedral existiu um povoado romano denominado Asseconia. Este povoado existiu entre o século I e o século V, mas ali permaneceu uma necrópole que possivelmente foi usada durante Reino Suevo e até ao século VII. A origem da atual cidade de Santiago de Compostela foi descrita no capítulo 1 desse livro.

A cidade foi-se desenvolvendo pouco a pouco. À comunidade eclesiástica estabelecida por Afonso II, que tinha a seu cargo o sepulcro e respectiva igreja constituída pelo bispo de Iria Flávia e pelos monges de Antealtares, foi-se juntando espontaneamente uma população heterogénea, a maioria proveniente das aldeias próximas. O povoado foi crescendo ao mesmo tempo que a peregrinação se tornou mais popular. Entre os séculos X a XV o santuário foi também ganhando importância política. Ali foram coroados alguns monarcas dos reinos da Galiza e de León.

O então povoado recebeu tentativas de invasão e saques dos normandos, os quais chamavam ao Reino da Galiza Jakobsland (país de Santiago). Devido à sua prosperidade

e popularidade, a cidade foi destruída pelo califa em 997, que só respeitou o sepulcro do apóstolo. Após o regresso dos habitantes foi iniciada a reconstrução e em meados do século XI a cidade recebeu uma cintura de fossos e uma nova muralha. Em 1.075 deu-se início à construção da catedral românica. A chegada da peste negra à cidade originou uma forte recessão demográfica. A recuperação só foi iniciada a partir do ano de 1.380. No século XV, Santiago não tinha mais do que 4.000 a 5.000 habitantes.

Santiago foi sede da Real Audiência do Reino da Galiza desde 1.508, mas a pressão eclesiástica fez com que se trasladasse para a Coruña em 1.578. As reformas do poder monástico marcaram o renascimento dos conventos de São Martinho Pinário e de São Paio de Antealtares, o que contribuiu para uma intensa atividade de construção.

Na idade moderna, a prosperidade devida à catedral e aos mosteiros fez de Santiago um centro artístico de ponta. Também nesta época Santiago se converteu no refúgio dos exilados irlandeses perseguidos pelo protestantismo, o que levou à criação de centros de acolhimento e de formação como o Colégio de São Patrício, dos Irlandeses.

É em Santiago que surge o primeiro jornal galego, El Catón Compostelano, em 1800. Em meados do século XIX já havia alguma indústria, na forma de fábricas artesanais de curtumes, chocolates e refrigerantes.

Em 1981, após a queda da ditadura franquista, Santiago passou a ser a capital política da Galiza, retomando um protagonismo político dando um impulso à cidade. Santiago de Compostela passou, então, a ter uma grande importância política, além daquela que já tinha devido às peregrinações, cada vez mais crescentes.

Nosso percurso

Quando deixamos Arzúa o tempo estava chuvoso e completamente escuro. Dava para perceber, mesmo antes das 6 horas da manhã, que o dia hoje surgiria bem mais tarde. Tentamos caminhar sem auxílio da luz, mas não dava. Peregrinos que nos antecederam no tempo foram diminuindo os passos, até que colocamos nossa lanterna em ação. Finalmente a lanterna justificou sua vinda, pois, até então, havia sido apenas um peso a mais nas costas.

Névoa nos cobria e cobria o todo o caminho. Até próximo das sete horas não havia amanhecido. Cruzamos e cruzaram por nós, peregrinos mancando, se arrastando, mas sempre seguindo em frente: o Caminho é feito passo a passo.

Passamos por povoados da época romana e medieval, totalmente adormecidos e nós, exauridos, na base do temos que chegar, faltam poucos quilômetros, Deus e Santiago nos levarão... Rezávamos, rezávamos...

Primeira parada, Salceda, onde tomamos um café com leite e comemos as madalenas e queijo que levamos da sobra do nosso café no quarto. Depois, em Arca, só tiramos as mochilas, alongamos e fizemos um lanche. O bar estava totalmente lotado de ciclistas e as bicicletas fechavam a frente do bar.

Seguimos por caminhos de terra e barro entre túneis de árvores muito verdes e lindas folhas, vários rios, quando presenciamos uma divertida cena: um coreano fazia xixi a beira do caminho quando seu colega cercou uma moça que andava a nossa frente, para que ela não o visse urinando. Depois disso os dois iniciaram um verdadeiro samba do crioulo doido: ela falava com ele sem parar, em espanhol e ele, fingindo que entendia respondia em inglês. Edson não aguentou e intermediou a conversa dos dois, fazendo a tradução e rindo a valer. Depois disso Edson conversou com ele sobre a nossa ida a Korea, no início da década de 90. Passado um tempo ele voltou a caminhar ao lado da espanhola, até o Monte do Gozo, quando os perdemos de vista, pois ficaram parados naquele local.

Edson sentia muitas dores nas costas e calcanhar, teve até que trocar a bota pela sandália Timberland, o que iria possibilitar sua chegada em Santiago. As dores eram fortíssimas o que o obrigava a parar várias vezes. Um peregrino, percebendo a situação difícil em que nos encontrávamos, passou a nos acompanhar por um longo tempo, silenciosamente (parecia inglês, pois sua mochila trazia uma bandeira daquele país). Então vimos a placa indicando que estávamos entrando nas terras de Santiago.

Após percorrermos 800 quilômetros surpreende-nos o fato de não termos visto um só acidente ou carro estragado nas estradas que cruzamos, nem nas cidades que pernoitamos. As casas não possuem muros (deve ser ótimo viver assim), não vimos nenhum policial nas ruas. Às vezes cruzávamos com um carro da Polícia Civil nos caminhos, que silenciosos passavam por nós e percebíamos que só estavam verificando se tudo estava bem. Buzina é coisa raríssima nas cidades e estradas. O silêncio é geral. Parece que todos respeitam nossa necessidade de interiorização ou são culturalmente muito educados.

O Caminho todo é cheio de pássaros que cantam sem parar. Quando caminhamos em trilhas ou estradas fora dos pueblos são os únicos movimentos e barulhos que ouvimos. Impossível registrar a variedade de flores e tipos de plantas existentes. As frutas, que consumimos nas festas de final de ano em nosso país, estão em muitos dos quilômetros que percorremos: avelãs, amêndoas, cerejas; damascos e, até morangos (que colhemos à beira da estrada já próximos de Santiago) encontramos.

Contornamos e passamos por trás do aeroporto de Santiago, por subidas e descidas às vezes fortes, quando paramos em S. Paio, para descanso e lanche. O caminho estava repleto de ciclistas e esse bar também.

De lá iniciamos uma forte e longa subida quando avistamos a placa Monte del Gozo a um quilômetro. Continuamos subindo quando vimos um monumento ao papa "Juan Pablo II" no Alto do Gozo, de onde se vê Santiago e sua bela catedral. Faltavam apenas cinco quilômetros para chegar. A euforia e emoção começaram a imperar. Edson não deu conta de subir até o monumento.

Começamos a descer, lentamente, pois Edson puxava uma perna. Demos de encontro ao intenso tráfego de Santiago, o que nos incomodou, pois estávamos muito

acostumados ao silêncio. Entramos na cidade percorrendo com emoção a sua parte moderna.

E o casco velho não chegava nunca. O movimento era intenso, devido ao horário de retorno da siesta. Estávamos na Av. de los Concheros, já chegando ao final do tão sonhado e esperado Caminho. As palavras são pequenas para expressar nossa emoção nesses momentos: é indescritível. **CHEGAMOS!**

Edson deitou-se no chão nas pedras do adro da catedral e desabou, com lágrimas de gratidão. Nós nos abraçamos como há muito não o fazíamos. E a emoção não era só nossa, era de todos os peregrinos que completavam o Caminho. Alguns, como nós, caminharam mais de 800 quilômetros. Outros haviam caminhado distâncias menores, mas para todos foi um grande desafio realizado. Em seguida fomos cumprir o ritual de pegar a Compostelana (o certificado que atesta que fizemos o Caminho) e entrar na igreja, o que só foi possível após depositarmos as mochilas em um bagageiro próprio, pois não se entra nem com sacolas na Catedral. Queríamos, também, abraçar o Santo e visitar a sua Tumba. Ficamos quase uma hora na fila, em longas escadas, até pegarmos o nosso tão sonhado e sofrido documento. A Compostelana só é concedida ao peregrino que comprovar ter percorrido mais de 100 quilômetros a pé, ou ao ciclista ou cavaleiro que comprovar ter percorrido mais que 200 quilômetros. A comprovação é feita apresentando-se a Credencial do Peregrino com os carimbos das localidades percorridas, devidamente datados. Ao entrarmos no prédio deparamos com um monte de cajados de avelã no saguão. Foi o momento de desfazermos do nosso amigo, que após ser usado por mais de 600 quilômetros, quando nos foi dado pelo famoso Pablito. Foi triste e difícil nos desfazermos de um companheiro tão fiel, que nos deu apoio e segurança nas descidas, subidas, rios, barro, matas cerradas. Foi tão usado que diminuiu mais de dez centímetros, tendo ficando com a ponta arregaçada. Como nos valeu, como foi importante! Socorro achou-o mais útil que o bastão de caminhada que havíamos comprado em BH.

A entrada na Catedral foi muito emocionante, novamente, pois já havíamos estado lá há 10 anos, mas em uma situação bem diferente. Acariciamos a coluna na entrada da Catedral, já desgastada por tantas mãos de peregrinos, suplicando por bênçãos.

Rezamos, agradecemos e fomos abraçar e beijar o Santo. A fila era incalculável. Chegamos a ficar um tempo nela, mas desistimos, pois Edson estava em ponto de arriar. Fomos em busca do nosso hotel, o trigésimo reservado e, como em todos os outros, não tivemos problemas. Para chegarmos nele, andamos pior mais um quilômetro. Eram 18 horas. Tomamos banho, lavamos todas as roupas e saímos de novo, de volta à Catedral, onde às 19:30h seria celebrada a Missa do Peregrino, com a bênção dada utilizando-se o famoso e único Botafumero. O Botafumero é um turíbulo enorme, de metal, preso em cordas e roldanas. Oito homens vestidos de frade, com conchas nas golas, conduzem o Botafumero durante uns 5 minutos. Ele possui, no total, um metro e dez centímetros de

altura e pesa aproximadamente uns cinquenta quilos. Cheio de incenso, ele percorre a nave da Catedral sobre as pessoas, de maneira pendular: É emocionante! Dois órgãos, super potentes, acompanham um frade que canta uma música própria para o momento.

Terminada a celebração, às 20:30h, fomos almoçar e jantar: que fome!

Após tudo isso percorremos, novamente, o quilômetro até o hotel e fomos finalmente dormir o sono dos justos, realizados pelo termino do que planejamos. Faltou o abraço ao Apostolo e a visita à Tumba, o que faríamos pela manhã do dia seguinte, antes da tradicional Missa do Peregrino das 12 horas.

Após uma permanência de quase 1 hora na fila por volta das 9:20h, entramos para o abraço no apostolo Jacob (Santiago), e para a visita ao túmulo. Foi uma nova e grande emoção: tremedeira, lágrimas, agradecimentos e mais pedidos.

Eram peregrinos de tantas nações na celebração da Santa Missa, que o comentarista pediu licença para não citar todas, pois já estava falando há muito tempo. A missa foi festiva, solene e maravilhosa. O Arcebispo de Santiago a presidiu, com vários sacerdotes concelebrando. Milhares de pessoas lotavam a Catedral. Chegamos cerca de vinte minutos antes e só conseguimos nos assentar no chão, ao fundo da nave, encostados em uma imensa coluna. Vimos novamente o Botafumero, e a emoção continuou.

Terminamos nossa peregrinação com a certeza que valeu a pena passar por tantas dificuldades para alcançar nosso objetivo. Hoje somos pessoas diferentes de quando iniciamos o Caminho, há vinte e nove dias. Nossa fé é maior, e só a presença de Deus e a companhia de Santiago nos possibilitaram chegar até aqui. Percorrer quase oitocentos e nove quilômetros só foi possível porque tivemos FÉ, FORÇA ESPIRITUAL E CORAGEM!

Com o Caminho aprendemos, principalmente, que só conseguimos alcançar nossos objetivos, sejam eles quais forem, com determinação, sacrifício, renúncias, luta, esperança e fé. As dores existem, o sofrimento aparece todo dia, mas a vontade de vencer é maior. Ontem e hoje encontramos muitos dos que se arrastavam, mancavam, usavam bengalas, desciam as longas e duras ribanceiras, às vezes de costas, mas venceram. Estavam na igreja, nas filas da Compostelana, nas lojas, com a Compostelana nas mãos e sorrindo, pois, venceram! Nós vencemos! Muitos começaram conosco, há 808,9 quilômetros atrás, outros começaram mais a frente, cada um no seu tempo, e no passo na sua medida. E, importante, um passo após o outro, um dia após o outro!

Nas lojas vimos camisetas alusivas ao sofrimento dos peregrinos (pernas e pés com bolhas): como são reais! Todos sabem das dores e dificuldades do caminho, mas querem experimentá-lo. Por quê? Só Santiago sabe o motivo de cada um.

Edson durante a peregrinação deixou a barba crescer (apesar da coceira e do incomodo) e Socorro não usou maquiagem (nem brilho nos lábios, perfume, coisas que nunca deixa de usar), tudo como um sacrifício a mais. **VALEU, SANTIAGO DE COMPOSTELA!**







POSFÁCIO

Ensaíamos várias vezes escrever esse livro. Mas a falta de tempo e o “depois escrevemos” nos trouxe até hoje, dez anos após.

Então começamos, há uns 30 dias atrás, durante as restrições da pandemia. Revendo tudo o que havíamos escrito para o site, visitando todas as mais de seiscentas fotografias que tiramos durante a peregrinação, e buscando informações sobre as localidades destino de cada dia. Nós não imaginávamos o que isso poderia significar para nós.

Foram dias e mais dias de fortes emoções onde, muitas vezes, não conseguimos segurar as lágrimas, que teimavam em aparecer em nossos olhos. Realmente a peregrinação a Santiago de Compostela foi uma das etapas mais marcantes de nossa vida.

Vivendo, atualmente, o isolamento social decorrente da pandemia no novo coronavírus, estamos colocando em prática muito do que aprendemos naquela nossa jornada. Simplicidade em tudo, e muita oração!

Quando estávamos planejando o que faríamos para comemorar as nossas Bodas de Ouro, chegamos a colocar no radar fazer, novamente, o Caminho, só que dessa vez, o Caminho português. Como em 2010, a primeira providência que tomamos foi importar o guia “El Camino de Santiago en su Mochila”, porém na versão do Caminho Português. Chegamos a começar a estudá-lo, mas mesmo antes da pandemia já havíamos descartado essa nova aventura, pelo menos naquele momento.

Porém, terminando de produzir esse livro, a vontade de voltarmos à peregrinação está muito grande. Se Deus quiser, em um dos próximos anos, voltaremos a Santiago de Compostela. Para matar a saudade, reviver um pouco o passado e viver um novo sonho...

Não existem palavras para descrever nossa emoção, nossa gratidão a Deus e a Santiago, por tudo que vivemos.

Cinquenta anos de casados: 11/07/1970 – 11/07/2020

Esse é o nosso presente a você!

Edson e Socorro

Edson e Socorro formam um casal de cristãos católicos, casados em 11 de julho de 1970. Têm três filhos, Aline, Henrique e Thais, e quatro netos, Luana Lucca, Davi e Eduarda. Moram em Belo Horizonte.

Fizeram o 5º Encontro de Casais com Cristo da paróquia Nossa Senhora da Boa Viagem de Belo Horizonte em 1983, e desde então têm se dedicado a esse serviço tão importante da igreja católica do Brasil.

Ambos trabalham há mais de 20 anos, como voluntários, na paróquia onde fizeram o ECC e onde são paroquianos desde 1966, em diversas funções. Atuam, no momento, no leitorado e no trabalho da Pastoral da Comunicação, além de fazerem palestras diversas em Encontros de Casais com Cristo - ECC em paróquias da Arquidiocese de Belo Horizonte e outras Dioceses. O casal também faz parte da direção do Encontro de Casais com Cristo na Arquidiocese de Belo Horizonte.

Edson é engenheiro eletricitista, formado em 1971, tendo trabalhado em diversas empresas, públicas e privadas, nacionais e multinacionais. Desde 2017 está aposentado em suas funções remuneradas.

Socorro é psicopedagoga, formada em 1980, tendo trabalhado como professora, e como reeducadora educacional em escola pública e em consultório particular. Desde 2004 não exerce atividade remunerada.

O casal faz parte da Equipe de Corrida do Minas Tênis Clube, tendo participado de centenas de corridas, locais, nacionais e internacionais, incluindo algumas maratonas.

Caso você tenha interesse em saber mais, em 2005 o casal escreveu e editou o Livro Harmonia Conjugal que pode ser encontrado na livraria virtual Kindle